



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Laura Severo Thomazetti

“O trabalho pedagógico por projetos: entre a teoria e a prática”

Novembro
2013

Laura Severo Thomazetti

“O trabalho pedagógico por projetos: entre a teoria e a prática”

Monografia elaborada como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título de graduação em Pedagogia, Centro de Educação, Departamento CED, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Orientada pela professora Daniela Karine Ramos.

**Novembro
2013**

FOLHA DE APROVAÇÃO

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
Graduação em Pedagogia

“O TRABALHO PEDAGÓGICO POR PROJETOS: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA”

Monografia apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Por: **Laura Severo Thomazetti**

BANCA EXAMINADORA:

Orientador(a): Daniela Karine Ramos

Prof^ª. Dra: Dulce Márcia Cruz

Doutoranda Mônica Grumiché

NOTA: _____

Aprovada **Aprovada com restrições:** **Reprovada:**

Florianópolis, 29 de novembro de 2013.
SANTA CATARINA – BRASIL

AGRADECIMENTOS

*Muitas foram as contribuições que tornaram esta conquista possível, em especial
agradeço imensamente:*

*A Deus, por cada dia, por me dar força, esperança e tornar possível a
realização de um sonho.*

*A meus protetores espirituais, que se fazem presente a cada momento da minha vida, nas
minhas decisões, nas minhas angustias, me trazendo paz, alegria, confiança, sabedoria, amor
e nunca me deixando desistir. E acima de tudo me fazendo compreender que cada obstáculo e
cada cicatriz só me fizeram crescer e ser o que sou hoje.*

*Ao meu pai, João que me ensinou que o único bem que realmente nos pertence, e que
ninguém pode nos tirar, é aquilo que aprendemos.*

A minha mãe Lúcia, por sempre ter confiado em mim me fazendo acreditar que sou capaz.

*Ao meu marido, Alisson, por sua fé em mim, sua confiança, amizade, sua paciência nos
momentos difíceis, suas palavras de incentivo e de conforto, sua imensa disposição em me
ajudar, enfim, por ser mais que companheiro, ser parceiro pro que der e vier.*

*Aos meus queridos irmãos Maurício e João Luiz que embora tenhamos crescido e seguido
caminhos diferentes, cada reencontro tem o sabor das nossas brincadeiras de infância.*

Aos meus avós Vilma e Avelino, por incentivarem meus estudos.

*As minhas colegas de curso da turma com “A”, pelo companheirismo e amizade. As colegas
da turma “sem A” pelo acolhimento, alegria e amizade.*

*As minhas colegas Adriana Mara Felisbino e Ivana Martins da Rosa, pela maravilhosa
experiência do estágio na educação infantil.*

*Aos professores dessa universidade que contribuíram para minha formação durante esta
trajetória, entre eles: Marlene Dozol, Eloisa Acires R. Candal, Gilka Girardello, Orlando
Ferretti, Patrícia de Moraes Lima, Maria Isabel Batista Serrão, Lúcia S. Hardt, Olinda
Evangelista, Eneida Oto Shiroma, Juarez Thiesen, Rosalba Maria Garcia, Ida Mara Freire,
Dulce Marcia Cruz, Kátia Adair Agostinho, Maria Aparecida Lapa De Aguiar, Patricia
Laura Torriglia, Daniela Karine Ramos, Olinda Evangelista, etc.*

*As entrevistadas: as duas professoras e a coordenadora pedagógica que se dispuseram
prontamente a participar do trabalho.*

As minhas colegas Livia Girardi, Adriana Mara Felisbino, Ivana Martins da Rosa, Rafaela Azevedo e Valquíria Silva do Lago, pelo carinho e por estarem sempre a disposição para solucionar minhas dúvidas.

A minha orientadora Professora Daniela Karine Ramos que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Por fim, o meu muito obrigada a TODOS (AS) que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho!!!

RESUMO

Muito se tem falado sobre os “projetos” nas escolas, percebemos que essa prática tornou-se de certa forma, uma “moda” pedagógica. Uma escola e/ou um professor que não trabalha com projetos está com sua didática “desatualizada”. Porém, fica clara a necessidade por professores que estão iniciando a sua carreira e até por professores experientes de um maior esclarecimento sobre em que consiste o trabalho com projetos e como acontece sua elaboração. Portanto, esse trabalho de conclusão de curso teve como propósito a investigação da gênese do trabalho pedagógico com projetos, o que os pesquisadores autores da área abordam sobre essa estratégia e, através de entrevistas semiestruturadas, analisou como duas professoras de Florianópolis organizam seu trabalho a partir de projetos. A partir disso, observamos que os projetos possuem diversas formas de estruturação, porém a diversidade de proposições, enriquecem a reflexão sobre os trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho pedagógico; Planejamento; Projetos;

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. O TRABALHO PEDAGÓGICO POR PROJETO	11
1.1 As transformações educacionais até os projetos	11
1.2 Aspectos conceituais e reflexões sobre os projetos	13
1.3 Discussões sobre o planejamento por projetos	17
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO	23
2.2 Caracterização das escolas pesquisadas	25
2.3 Instrumentos de coleta	25
2.4 Procedimentos metodológicos	25
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: O TRABALHO POR PROJETOS NA ESCOLA	27
3.1 A escolha dos temas nos projetos	29
3.2 A relação com os conteúdos programáticos	32
3.3 Estrutura, duração e avaliação dos projetos	34
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL - PRM	42
APÊNDICE B - ENTREVISTA ESCOLA PRIVADA -COORDENADORA - PCP	50
APÊNDICE C - ENTREVISTA ESCOLA PRIVADA - PROFESSORA PRP	52

INTRODUÇÃO

Muitas são as dúvidas que acometem a prática docente, quanto a melhores métodos, quanto à avaliação, quanto ao espaço, quanto ao planejamento e sem dúvida a forma de cada professor planejar suas aulas em muito se difere. E quanto ao planejamento e prática na sala de aula, muito se tem falado sobre os “projetos”. Porém, apesar de muitas escolas se utilizarem desta estratégia e muitos professores defenderem o uso do mesmo, muitos professores possuem dúvida de como elaborar um bom projeto, como se estruturam os projetos, para qual finalidade eles servem, quais conteúdos devem ser trabalhados a partir dos mesmos, etc.

Considerando esses aspectos da prática docente e do trabalho pedagógico por projeto este trabalho possui como objetivo geral: investigar a gênese do trabalho pedagógico com projetos, o que os pesquisadores autores da área trazem sobre essa estratégia e como os professores nas escolas organizam seu trabalho a partir de projetos. A partir disso, busca-se compreender a motivação para a criação do trabalho com projetos, qual seu principal objetivo, também verificar concepções diferentes de trabalho com projetos, examinando as contribuições que os autores trazem sobre esta estratégia pedagógica e, por fim, analisar duas diferentes formas de organização de projetos existentes em duas escolas distintas da rede de ensino de Florianópolis.

Iremos perceber aspectos relacionados ao planejamento e a responsabilidade social como elementos na instituição escolar na perspectiva de que não é o método que define uma prática satisfatória e sim os objetivos perante nossos alunos, levando em conta suas vivências, para refletir sobre como acontecem as dinâmicas que caracterizam o espaço escolar.

Se o objetivo da educação é formar cidadãos críticos capazes de reflexão para serem ativos na sociedade, deve haver mudanças dentro das salas de aula no sentido de exercitar a compreensão e a reflexão sobre a realidade, de tornar o aluno ativo e participativo, visando a efetiva construção do conhecimento. É a partir desses pontos e da análise de alguns projetos de trabalho, que levantamos aspectos importantes para orientar a ação de planejarmos as aulas e formularmos nossos métodos de trabalho.

Nesse sentido, é de suma importância e faz parte do ato de educar o planejamento, como uma ação que envolve sobretudo a reflexão sobre a prática do professor, com intuito de melhor organizar o tempo, o espaço e propiciar maior aproveitamento por parte dos alunos

deste espaço de aprendizagem, de desenvolvimento e de conhecimento que é a escola. Podemos perceber que na atualidade várias escolas, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, organizam seus planejamentos contando com a presença dos projetos.

É possível pensar que essa prática tornou-se, de certa forma, uma “moda” pedagógica. Uma escola e/ou um professor que não trabalha com projetos está com sua didática “desatualizada”. Porém, fica clara a necessidade por professores que estão iniciando a sua carreira, de um maior esclarecimento sobre em que consiste o trabalho com projetos. Muitas são as práticas com projetos, muitas são as escolas que trabalham com projetos e muitas dúvidas surgem de como deve se organizar essa prática. Não apenas por professores buscando sua formação, mas por professores experientes, que percebem outras influentes condutas pedagógicas. Afinal, o modismo é preocupante, como afirma Nogueira (2001, p.89):

(...) de uma certa forma os projetos são implantados, dentro do ambiente escolar, sem nenhum critério, conceituação e prévia preparação (capacitação) do profissional de educação que deveria ser o mediador desta dinâmica.

A Revista Nova Escola, datada de Abril de 2011, traz em sua apresentação o seguinte questionamento: “Como trabalhar com projetos?”. Segundo a revista, a reportagem foi sugerida por 166 leitores, professores que mandaram suas dúvidas e a edição às respondeu por intermédio da matéria. A resposta foi elaborada pelo professor Anderson Moço que sugeriu alguns apontamentos sobre a organização do trabalho com projetos em sala de aula. Tal revista legitima a dificuldade e as dúvidas que os profissionais da educação encontram na sua prática e a necessidade de um maior aprofundamento da questão.

Como resposta, o professor Anderson Moço (2011, p.11) afirma que:

(...) o projeto pedagógico é um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolve uma situação-problema. E seu objetivo é articular propósitos didáticos (o que os alunos devem aprender) e sociais (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém).

Moço (2011) também afirma que através do projeto os alunos podem participar da organização deste processo de aprendizagem e, ainda, que os projetos evitam a fragmentação dos conteúdos. Essa necessidade de desfragmentação dos conteúdos, coloca em ênfase a interdisciplinariedade, como forma de integrar e de correlacionar os conteúdos entre si.

Considerando esses aspectos e a organização de projetos, Moço (2011 p.13) traz doze características essenciais para uma boa proposta de projeto, são elas:

1. Delimitar e conhecer bem o assunto que será estudado e pesquisá-lo previamente;
2. Escolher uma meta de aprendizagem principal e outras secundárias que atendam às necessidades de aprendizagem;
3. Ter clareza do que as crianças conhecem e desconhecem sobre o tema e o conteúdo do trabalho;
4. Construir um cronograma com prazos para cada atividade, delimitando a duração total do trabalho;
5. Selecionar previamente os recursos e materiais que serão utilizados, como sites e livros de consulta;
6. Deixar claro para a sala os objetivos sociais do trabalho e quais os próximos passos;
7. Relacionar uma etapa à outra, em uma complexidade crescente. Neste caso, primeiro vem à leitura, depois a escrita coletiva e, por fim, a individual.
8. Antecipar quais serão as perguntas que você fará para encaminhar a atividade;
9. Prever quais momentos serão em grupo, em duplas e individuais;
10. Revisar o que a garotada fez e pedir novas versões do trabalho;
11. Escolher um produto final forte para dar visibilidade aos processos de aprendizagem e aos conteúdos aprendidos;
12. E prever critérios de avaliação e registrar a participação de cada um ao longo do trabalho.

Apesar de muitos aspectos operacionais trazidos pela reportagem para compreender uma fórmula básica sobre projetos, acreditamos que ela não dá conta de responder uma série de questionamentos sobre o trabalho por projetos. Como por exemplo: como selecionar os conteúdos que serão contemplados com os projetos? Como entrelaçar com outros conteúdos para que não aconteça uma fragmentação? E sobre a origem dos trabalhos com projetos: quem o criou e qual a finalidade desta nova estratégia?

Portanto, esta pesquisa terá por finalidade investigar a gênese do trabalho pedagógico com projetos, o que os pesquisadores autores da área trazem sobre essa estratégia e como os professores nas escolas organizam seu trabalho a partir de projetos.

Partindo do pressuposto que os projetos acontecem concomitantemente ao planejamento de conteúdos programáticos para cada período no qual os alunos encontram-se, cada fase escolar, algumas definições devem ser estabelecidas e esclarecidas. Por exemplo, o professor que trabalha com projetos já possui, mesmo que de forma incipiente, alguma concepção de projeto? Esse conhecimento prévio resulta em concepções e diferentes ideias de trabalho? Além disso, podemos ainda questionar quais as diferentes formas de organizar a prática com projetos? Onde ficam os conteúdos anuais? Como fazer um entrelace com estes conteúdos? Ou como selecionar os conteúdos que serão desenvolvidos em forma de projetos?

Por fim, percebemos um movimento disseminador de tal prática pedagógica, porém pouco nos deparamos com um debate que supra a necessidade de compreensão sobre a origem desta estratégia de trabalho. Procurar a essência do termo, o marco inicial desta proposta e o objetivo preceptor que impulsionou a criação desta nova temática irá nos induzir a uma compreensão de outros questionamentos como: Onde surgiu este método? Quem o

criou? Quais as críticas e contribuições que outros autores propuseram? Por qual motivo foi criado? Qual o seu significado e qual o principal objetivo que deve ser alcançado que legitima a importância de se trabalhar com projetos?

1. O TRABALHO PEDAGÓGICO POR PROJETO

O trabalho pedagógico por projeto tem um histórico que nos ajuda a compreendê-lo na atualidade, por isso iniciamos nosso estudo com as mudanças educacionais até chegar na estratégia de trabalho por projetos.

A partir disso, passamos a analisar aspectos relevantes sobre o ato de planejar e o compromisso do professor com seus educandos, refletidos no planejamento e por fim autores que discutem o trabalho por projetos na atualidade.

1.1 As transformações educacionais até os projetos

Em sua dissertação de mestrado Oliveira (2006) faz uma retrospectiva dos movimentos educacionais no Brasil até chegar nos projetos de trabalho. Em primeira instância ela traz o modelo tradicional de educação desenvolvido ao longo do século XIX e encontrado ainda em algumas instituições de ensino na atualidade. Esse modelo baseia-se, principalmente, na fixação, memorização dos conteúdos e na metodologia expositiva, reforçando a ideia de que o professor “passa” a matéria para os alunos. Não há a interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento e o foco principal reside no conteúdo a ser transmitido, sem favorecer a reflexão, compreensão e debates, visando sobretudo o acúmulo de saberes.

No final do século XIX surge na Europa e no Brasil só no século XX, precisamente a partir de 1920o movimento da Nova Escola, com o avanço da ciência, as mudanças sociais e a industrialização. A Nova Escola ganhou força por criticar o modelo tradicional de educação, tido como sem significado para os sujeitos. Segundo Oliveira (2006) foi a partir do movimento escolanovista que surgiu o trabalho pedagógico a partir de projetos. Alguns autores são considerados como precursores e ou representantes deste movimento, dentre os quais destacamos: Pestalozzi, Fröebel e Rousseau no século XVIII. E os principais Decroly, Maria Montessori, Dewey, Kilpatrick e Freinet:

pode-se apontar que, já no século XVIII, com Pestalozzi (1746-1827) e Fröebel (1782-1825), encontram-se os precursores da Escola Nova, porém alguns teóricos

delimitam com Rousseau o começo do ideário desse movimento. Mas há um consenso de que os seus principais precursores foram os educadores Ovide Decroly, na França, que criou os “Centros de Interesse”; Maria Montessori, na Itália; John Dewey, nos Estados Unidos, que preconizou a sala de aula como uma “comunidade em miniatura”; William Kilpatrick, discípulo de Dewey, que, no início do século XX, propõe um trabalho integrado com Projetos; Celestin Freinet, na França, que protagonizou a Pedagogia de Projetos, entendendo que a criança deve compreender o mundo com certa rigorosidade de pensamento, por meio de um trabalho de pesquisa reflexiva (OLIVEIRA, 2006 p.6).

A partir de Oliveira (2006) passamos a destacar alguns autores e suas contribuições para o pensar pedagógico dos projetos de trabalho:

- a) Pestalozzi e Fröebel argumentaram que a educação devia levar em consideração o interesse das crianças com bases em experimentações e vivências, pois o conteúdo não era o mais importante e sim as habilidades.
- b) Montessori e Decroly defenderam a ludicidade e a criança como ser ativo no ensino. Desta forma, o sujeito se educa, desperta por si mesmo o interesse no aprender, sendo assim a criança goza de maior liberdade para aprender. Decroly ampliou a reflexão com os “Centros de Interesse”, nos quais a criança dava indicativos para o que queria aprender, no que tem interesse, priorizando a liberdade para poder escolher.
- c) Dewey e Kilpatrick trouxeram a ideia de que a escola é um espaço vivo, aberto a experiências, que deve visar a formação do sujeito integralmente. Ela proporciona o aparecimento dos projetos como interessante por ter como característica principal uma problemática a ser solucionada, com os projetos o interesse dos alunos é desvelado, ampliando assim suas potencialidades. Tal perspectiva critica severamente o modelo tradicional afirmando que esta desconsiderava o interesse do aluno, o próprio Dewey afirma que

o legítimo princípio do interesse, entretanto, é o que reconhece uma identificação entre o fato que deve ser aprendido ou a ação que deve ser praticada e o agente que por essa atividade se vai desenvolver. Aquele fato ou ação se encontra na direção do próprio crescimento do agente, que reclama imperiosamente para se realizar a si mesmo. Assegure-se essa identificação ou correspondência entre o objeto e o agente, e não teremos que recorrer aos bons-ofícios da “força de vontade”, nem nos ocupar de “tornar as coisas interessantes. (DEWEY, 1967, p.65 apud OLIVEIRA, 2006 p.7).

A autora nos explica ainda, que Dewey foi o grande estruturador da Pedagogia dos Projetos, porém foi Kilpatrick que o explicitou metodologicamente, ganhando assim

popularidade. Mas fica claro que todos estes autores fizeram suas contribuições para a consolidação do trabalho por Projetos.

Para Dewey o ensino deveria ser prático, para que as crianças adquirissem experiência e conhecimento por meio de problemáticas e desafios. Kilpatrick compactuou com a ideia de Dewey e complementou dizendo que o desenvolvimento acontece quando a criança goza de liberdade que gera motivação. Por sua vez, Freinet defendia o trabalho cooperativo, contemplando atividades nas quais todos participam (OLIVEIRA, 2006). Como os trabalhos em grupo e a realização de pesquisas, supondo que as crianças aprendem com as contribuições de entre pares, na troca de informações, experiências e investigações. De modo geral, todos esses autores criticaram o modelo tradicional de ensino e fizeram a aproximação do professor com o aluno, o professor como mediador e não mais como centro do ensino. O aluno passa a ser então participante na construção dos conhecimentos, o que podem ser tomados como princípios básicos do trabalho por projetos.

1.2 Aspectos conceituais e reflexões sobre os projetos

Ao pesquisarmos em um dicionário a palavra “projeto”, encontramos que a mesma significa projetar, um plano para o que desejamos fazer, onde queremos chegar. Segundo Veiga (2001, p.12) a palavra projeto “vem do latim *projecto*, do particípio passado do verbo *projecere*, que significa lançar para diante”. Projetar para o futuro, dimensionar e estruturar nossas ações futuras.

Ao pesquisar sobre projetos encontramos muitas referências relacionadas a projetos acadêmicos, ou de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, projetos elétricos, projetos de arquitetos, projetos de designers, entre outros. Portanto, é muito importante refinar nossa pesquisa, o que nos levou a buscar também em documentos Da legislação educacional o significado do que seria um trabalho ou não por projetos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2008, p.41), por exemplo, trazem os conteúdos programáticos como sendo de muita importância, pois é através deles que os alunos terão acesso aos saberes socialmente construídos. A seleção e os planejamentos dos conteúdos a serem ministrados não devem ser encarados como uma lista de temáticas a serem esgotadas.

Os conteúdos são estratégias para desenvolver competências rumo a formação cidadã do sujeito em sua pluralidade.

Auxiliando, portanto, na formação desses sujeitos com instrumentos para o desenvolvimento integral do ser humano. E, ainda, partindo da realidade dos alunos e das questões sociais visando a compreensão dos alunos como sujeitos de intervenção da sua realidade e das questões sociais como um todo.

Segundo Gadotti (2001), a escola é uma instituição social que visa a formação cidadã dos alunos para a construção de uma sociedade com base na igualdade e na justiça. Afinal, para que a escola não seja um “aparelho reprodutor do estado”, deve haver mudanças, priorizando o pleno desenvolvimento humano. E para haver mudanças o professor é uma figura essencial e deve preparar-se para as aulas, planejar com intencionalidade e refletir sobre seus objetivos e ideais.

A organização econômica de nosso país traz mais desafios para a escola e faz refletir sobre como papel social da escola se torna imprescindível. Cabe aos professores (juntamente com a instituição que trabalha) trabalhar por uma educação emancipadora, tendo clareza de que sua profissão é extremamente política e sua prática poderá, ou não, propiciar a formação dos alunos como cidadãos críticos. Portanto, planejar juntamente com a comunidade, professores e alunos se mostra uma tarefa não apenas metódica / metodológica, e sim uma tarefa de suma importância onde valores políticos estão altamente enraizados na prática docente.

De acordo com Moço (2011), devemos visar por um planejamento que não seja fragmentado, o que é reforçado por Hernández (1998) que nos atenta para essa fragmentação, criticando a visão da instituição escolar como algo universal e técnico, local onde as crianças chegam e recebem todas o mesmo conhecimento, em pacotes fechados de acordo com o desenvolvimento. Para Hernández (1998, p.12) precisamos transgredir algumas visões contidas nas escolas:

(...) transgredir a visão da educação escolar baseada nos “conteúdos”, apresentados como “objetivos” estáveis e universais e não como realidades socialmente construídas [...] transgredir a visão da aprendizagem vinculada ao desenvolvimento e conhecida como construtivismo [...] transgredir a visão do currículo escolar centrada nas disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados em compartimentos fechados, que oferecem aos alunos algumas formas de conhecimento que pouco tem a ver com os saberes fora da escola (...)

Entre outras transgressões devemos compreender que a educação pode ser pensada não só em nível de planejamento em sala de aula, mas também com relação a sua responsabilidade social, pois a escola deve estar sempre atenta às mudanças da sociedade. Aquilo que ensinamos deve ter relação com a vida do aluno, oferecendo condições para que o mesmo atue de forma ativa em sua realidade social. E também levando em consideração que os conteúdos que ensinamos na escola, não são fixos, pois sofrem mudanças ao passar dos anos de acordo ao contexto que estamos inseridos, diferentes culturas e etc.

Pouco a pouco se percebe o quão político este tema é, pois quando Hernández (1998, p.30) levanta aspectos da constituição dos métodos de ensino, ele traz claramente a ideia de que para os professores é mais fácil ensinar de uma forma técnica e objetiva a ensinar de uma forma reflexiva. Por exemplo, é muito mais fácil o professor corrigir uma prova de assinalar do que corrigir uma prova descritiva, que faça o aluno descrever o seu pensamento acerca do assunto estudado. E isto se torna um impasse, pois para haver mudanças, os professores precisam se preocupar com sua prática, estudar sobre os métodos, compreender a função da escola e qual papel irá desempenhar, nesta instituição social que é a escola, que está engendrada num mecanismo de reprodução da realidade posta.

Ensinar utilizando métodos que tragam para a sala de aula a realidade dos alunos é um debate um tanto quanto comum, porém o que fazer quando a realidade é posta pelos alunos na sala de aula? Trazer a realidade para nossas aulas apenas para que os alunos a percebam? As crianças estão imersas num contexto desde que nascem, fazem parte de um quadro social, porém compreender o motivo de tal realidade, como foi constituída, o objetivo que impulsiona a realidade continuar esta, ou ainda qual o papel das pessoas nesta sociedade que vivemos, podem ser questionamentos que necessitem de reflexão, debates e planejamentos. Entendemos com isso que mais importante não é estudar a realidade posta e, sim, compreender o que está por trás desta organização social, aquilo que resulta delas, quais as suas implicações, quem são os beneficiados desse processo e ainda como transformá-la. E é em seu discurso que Hernández (1998 p.39) reforça tais aspectos valiosos na nossa prática docente descrevendo que a finalidade de seu livro que trata de projeto é “em boa parte, contribuir para essa mudança, a partir de uma proposta que hoje pode continuar sendo considerada como transgressora”. A partir deste debate político que tange a escola, o autor situa os métodos de trabalho que foram criados como resposta a estas exigências sociais da escola:

o ensino mediante “projetos de trabalho”, “centros de interesse”, “projetos interdisciplinares”, “currículo integrado”, “pesquisa sobre o meio”, “créditos de síntese”, foram algumas iniciativas que se desenvolveram para responder, de uma maneira mais ou menos satisfatória, às mutáveis demandas e necessidades as quais a escola deve responder. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 38)

Nesta perspectiva, hoje muitas escolas trabalham a partir de projetos, mas cada uma pode ser de forma distinta. Parece mesmo que os projetos tornaram-se moda educacional, uma onda “inovadora” que pouco a pouco foi se espalhando pelas instituições de ensino. Hernández (1998) cita este movimento engendrado na moda como preocupante, pois podem se transformar em receituários, fórmulas e conseqüentemente perderiam o aspecto de mudança.

Assim, o método tornar-se-ia um esquema estruturado e isolado e esquecer-se-ia do principal motivo de planejar. Para Hernández

(...) quando se reduzem a uma fórmula didática baseada numa série de passos: levantamento do tema, perguntar o que os alunos sabem e o que querem saber, fazer o índice, trazer diferentes fontes de informação e copiar o referente aos pontos do índice..., com o que se dilui a concepção da educação que contém e suas possibilidades de repensar a educação. (

Estes aspectos são extremamente válidos para a nossa reflexão acerca de muitos elementos na esfera educativa, na qual levada por um certo modismo, aceita facilmente novos métodos como o que há de mais “inovador”, “infalível” ou “melhor”. Fazendo com que os métodos e concepções utilizados até então, tornem-se “antiquados” e “ruins”, com isso joga-se fora e “deleta-se” as experiências anteriores.

Vale lembrar que não existe uma receita, um único método infalível, um único esquema que de conta de todas as especificidades de conteúdos e alunos das escolas. Não existem métodos que possam ser descartados de nossas experiências, pois chegamos ao conhecimento de hoje por causa das experiências do passado, ou seja, não podemos simplesmente ignorar a experiência do passado, ignorar a base dos conhecimentos atuais ou estaremos condenados a repetir os mesmos erros já praticados. Todos os métodos e experiências possuem aspectos importantes a serem analisados e contribuem para refletir sobre as práticas, pautando novas proposições. Não encontraremos uma fórmula correta que de conta de todos estes aspectos, nem mesmo esta estratégia de trabalho, os projetos, pode por si só, dar conta das especificidades da sala de aula. Nesse sentido, Hernández (1998, p.66) afirma que “um professor pode ser um bom professor e desenvolver um trabalho meritíssimo,

sem levar adiante essa ou outras inovações”. Não é pelo fato de ser um método novo, de ser a última descoberta avançada para o trabalho em sala de aula, que devemos utilizá-la sem ao menos buscar compreendê-la.

1.3 Discussões sobre o planejamento por projetos

Durante nossa formação sempre escutamos que o aluno aprende mais a partir de seus interesses, a partir do que lhe faz sentido e significado e pelo repertório que traz consigo. Agora: como organizar as aulas a partir destes pressupostos? Hernández e Ventura (1998, p.61) trazem justamente os projetos de trabalho como meio de organizar estes conhecimentos:

a função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

Para Nogueira (2001, p.90): “um projeto na verdade é, a princípio, uma irreabilidade que vai se tornando real. Conforme começa a ganhar corpo a partir da realização de ações e, conseqüentemente, as articulações destas”. O processo que leva ao aprendizado é que se torna centro do trabalho com projetos. Esse autor ainda esclarece que os projetos de trabalho tomaram o seu referido lugar por dar conta das atuais necessidades dos professores e alunos com relação ao ensino e aprendizagem. São elas:

- A aprendizagem significativa;
- A aprendizagem individual e não coletiva;
- As múltiplas interações do aluno com o meio, com outros indivíduos e com o objeto do qual pretende se apropriar;
- A interação do aluno no seu processo de construção do conhecimento;
- O conteúdo sendo trabalhado além da forma conceitual, com possibilidades procedimentais e atitudinais;
- A pluralidade das inteligências e a consideração que o sujeito possui um espectro de competências a ser desenvolvido;
- A necessidade de atuar além das áreas lógico-matemática e linguística. (NOGUEIRA, 2001, p.90).

Os projetos de trabalho podem ser organizados a partir de um eixo, ou seja, um tema, uma problemática ou um conceito. E geralmente o eixo não especifica uma disciplina apenas que será trabalhada, podendo perpassar entre várias disciplinas, ou seja, um único projeto pode ser interdisciplinar, sem definir um conteúdo específico, o professor a partir da temática faz relação com os conteúdos programáticos, especificando em quais disciplinas será trabalhado.

Hernández e Ventura (1998, p.63) destacam bases teóricas que estruturam os projetos de trabalho:

1. Um sentido da aprendizagem que quer ser *significativo*, ou seja, que pretende conectar e partir do que os estudantes já sabem, de seus esquemas de conhecimento precedentes, de suas hipóteses (verdadeiras, falsas ou incompletas) ante a temática que se há de abordar.
2. Assume como princípio básico para a sua articulação, a *atitude favorável para o conhecimento* por parte dos estudantes sempre e quando o professorado seja capaz de conectar com seus interesses e de fornecer a aprendizagem.
3. Configurar-se a partir da *previsão*, por parte dos docentes, de uma estrutura lógica e sequencial, numa ordem que facilite sua compreensão. Mas sempre levando em conta que essa previsão constitui um ponto de partida, não uma finalidade, já que pode ficar modificada na interação da classe.
4. Realizar-se com um evidente *sentido de funcionalidade* do que se deve aprender. Para isso torna-se fundamental a relação com os procedimentos, com as diferentes alternativas organizativas aos problemas abordados.
5. Valoriza-se a *memorização compreensiva* de aspectos da informação com a perspectiva de que esses aspectos constituem uma base para estabelecer novas aprendizagens e relações.
6. Por último, a *avaliação* trata, sobretudo, de analisar o processo seguido ao longo de toda a sequência e das interrelações criadas na aprendizagem. Parte de situações nas quais é necessário antecipar decisões, estabelecer relações ou inferir novos problemas.

Cabe ainda salientar que os autores diferem o trabalho por “Projetos” e por “Centros de Interesse”. Nos projetos os alunos aprendem pela significatividade e nos Centros de Interesse pela descoberta. Um esquema explicativo das diferenças:

ELEMENTOS	CENTROS DE INTERESSE	PROJETOS
Modelo de aprendizagem	Por descoberta	Significativa
Temas trabalhados	As Ciências Naturais e Sociais	Qualquer tema
Decisão sobre que temas	Votação majoritária	Argumentação
Função do professorado	Especialista	Estudante, Intérprete
Sentido da globalização	Somatório de matérias	Relacional
Modelo Curricular	Disciplinas	Temas
Papel dos alunos	Executor	Co-partícipe

Tratamento da informação	Apresentada pelo professorado	Busca-se com o professorado
Técnicas de trabalho	Resumo, destaque, questionários	Índice, síntese, conferências
Procedimentos	Recompilação de fontes diversas	Relação entre fontes
Avaliação	Centrada nos conteúdos	Nas relações e nos procedimentos

Tabela 2. Diferença entre Centros de Interesse e Projetos
 Fonte: Hernández e Ventura (1998, p.65).

Nos Centros de Interesse por mais que haja votação para escolher qual tema será estudado, o professor costuma fazer com que o tema escolhido se encaixe no seu planejamento inicial e que não fuja muito das reflexões dos livros, ou seja, não se configura como novo, podendo, ainda, ser adequado pelo professor para aproximar-se ao programa.

Dessa forma um pouco daquilo que Hernández e Ventura (1998) explicitaram sobre o tempo de duração do projeto, afirmando que este não possui uma previsão de término, possui sim um ponto de partida e pode ir se modificando a partir da interação da classe.

No que se refere a classificação dos projetos, Moura e Barbosa (2009) trazem uma proposição. Os projetos podem se configurar por dimensão: pequeno, médio ou grande porte. Também por complexidade: simples, modesto e complexo. E ainda, por incerteza: baixa, média ou alta. A *dimensão* refere-se a quantidade de pessoas envolvidas, o quanto de recurso financeiro, infraestrutura, público e etc. A *complexidade* é medida através das variáveis, na organização, compreensão dos conceitos e nas relações. E a *incerteza* refere-se ao alcance dos objetivos e previsão dos resultados.

O projeto para Moura e Barbosa (2009, p.66) é uma construção coletiva, o grupo organizado num debate decide qual será o problema ou situação geradora que norteará o trabalho por projeto e a partir do problema o professor desenvolve as atividades e sequências do projeto. Para os autores “um problema bem colocado é a metade de sua solução ou quando se define claramente um problema já temos a metade de sua solução”. E trazem alguns questionamentos para auxiliar na definição do problema:

- Todos tem o mesmo entendimento sobre o problema?
 - Qual é mesmo o problema que queremos resolver?
 - Em que contexto ou ambiente ocorre o problema?
 - A solução do problema está dentro de nossa capacidade?
 - O que já sabemos sobre o problema?
 - Quais são as causas e os efeitos conhecidos do problema?
 - Qual é o problema mais relevante?
 - Quais são as possíveis causas mais relevantes?
 - Como os outros avaliam minha definição de problema?
- (Moura e Barbosa 2009, p.66).

Após a escolha do tema, Moura e Barbosa (2009) trazem em seu livro, itens que precisam constar na elaboração do projeto como: justificativa, objetivos: geral e específico, resultados esperados, ações previstas e abrangência do projeto. Já Hernández e Ventura (1998, p.69) explicam que cabe ao professorado desenvolver alguns itens do projeto, para que se possa dar sequência. São eles:

1. Especificar o fio condutor	➔ Relacionado com o PCC (Parâmetros Curriculares)
2. Buscar materiais	➔ Especificações primárias de objetos e conteúdos (o que se pode aprender no projeto?)
3. Estudar e preparar o tema	➔ Seleciona a informação com critérios de novidade e de planejamento de problemas
4. Desenvolver componentes do grupo	➔ Reforça a consciência de aprender
5. Destacar o sentido funcional do projeto	➔ Destaca a atualidade do tema para o grupo
6. Manter uma atitude de avaliação	➔ O que sabem, que dúvidas surgem, o que acredita que os alunos aprenderam
7. Recapitular o processo seguido	➔ Ordena-se em forma de programação, para contrastá-lo e planejar novas propostas educativas.

Tabela 3. Itens importantes para um projeto.

Fonte: Hernández e Ventura (1998, p.69).

Entretanto, após estabelecer estas relações o professor vai seguindo o desenvolvimento do projeto juntamente com os alunos: verificando as informações que os alunos colheram sobre o tema, a busca por soluções, vai conectando o que os alunos trazem com os conteúdos, o professor vai criando esquemas e reestruturações do estudado. Assim, valoriza-se o cruzamento dos conteúdos e informações com a vivência dos alunos. O professor vai fazendo referência ao projeto no qual todos estão envolvidos, incentiva a participação e envolvimento de todos, enfim, “a riqueza do projeto depende mais da comunicação na sala de aula do que da quantidade de conteúdos” (HERNÁNDEZ E VENTURA, 1998 p.71).

O projeto é definido em sua essência por algo que é *irreal e virtual*, ou seja, Nogueira (2001) esclarece que, ainda não faz parte do tempo atual. É um prospecto que antecede como saciar uma necessidade, principal fator motivacional do desenvolvimento do projeto. Podendo ser nomeado como pré-projeto, pois são planos para o futuro e o exercer a

busca, as respostas seria o projeto em si. E ainda, o projeto é permeado de ações caracterizadas no estabelecimento de:

- Objetivos
- Metas
- Planejamento
- Rotas
- Investigações
- Levantamento de hipóteses
- Execução
- Replanejamento
- Depurações
- Apresentação
- E por fim, avaliações intermediárias. (NOGUEIRA, 2001, p.91).

Por se tratar de um trabalho que parte de sonhos, necessidades, curiosidades, desejos e vontades, itens estes que são fundamentais para a motivação da busca de novos conhecimentos a partir do projeto, há que se refletir de onde deverá surgir o principal eixo do trabalho. Se há de se ter a curiosidade como impulsionadora, o tema poderá ser estabelecido pela coordenação pedagógica? Ou pelo professor?

Cabe destacar que este deve ser escolhido pelo grupo, pelos alunos juntamente com o professor. Desta forma haverá o tão almejado impulso e interesse dos alunos em buscar resultados e compreensões. Caso contrário, o projeto só será uma diferente forma de estruturar as mesmas atividades e exercícios preestabelecidos pelo professorado ou mesmo pelos livros didáticos de maneira mecânica. Até uma boa proposta com objetivos claros, uma boa problemática, ações bem estabelecidas pode se esvaír pela mecanicidade (Hernández e Ventura, 1998).

Neste aspecto os autores Nogueira (2001) e Hernández e Ventura (1998), compactuam em suas discussões sobre projeto, o importante e fundamental é perceber o projeto em si como justamente a comunicação e a interação dos alunos em busca de novos conhecimentos. O projeto não é uma lista de exercícios ou conteúdos e sim um conjunto de ações a serem executadas de maneira coletiva, participativa e cooperativa:

os projetos, na realidade, são verdadeiras fontes de investigação e criação. Que passam sem dúvida por processos de pesquisas, aprofundamento, análise, depuração e criação de novas hipóteses, colocando em prova a todo momento as diferentes potencialidades dos elementos do grupo, assim como as suas limitações. Tal amplitude neste processo faz com que os alunos busquem cada vez mais informações, materiais, detalhamentos, etc., fontes estas de constantes estímulos no desenrolar do desenvolvimento de suas competências. (NOGUEIRA, 2001 p.94).

Além de ser um método motivador, os alunos tendem a buscar cada vez mais o conhecimento e desenvolver mecanismos do ato de pensar, refletindo e descobrindo novos desafios de como melhor solucionar as problematizações que lhe aparecem.

É importante deixar claro que o trabalho por projeto não se caracteriza por um método espontaneísta, muito pelo contrário, ele exige planejamento e registros o tempo todo para dar sequencia e trazer novos desafios. Ele vem reconfigurar o planejamento como um espaço de movimento e não de um documento rígido e estanque unilateral. É uma estruturação, mesmo que mental, para as estratégias, questões, o que será feito a cada dia, materiais necessários, de onde será obtida as informações, etc. Acontecendo sempre juntamente com os alunos a respeito de suas necessidades e interesses.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO

Este projeto terá por orientação metodológica a pesquisa qualitativa, a qual parte de um levantamento teórico sobre o trabalho com projetos e da realização de entrevistas semiestruturadas para buscar informações sobre a prática pedagógica por projetos realizadas em duas escolas distintas.

A pesquisa qualitativa irá possibilitar neste projeto uma descrição do fenômeno, objeto de estudo. Mais do que saber se as escolas trabalham com projetos, o interesse é compreender como se dá o processo de sua construção, elaboração e aplicação nas salas de aula em que é utilizado, ou seja, analisar como as escolas trabalham com essa estratégia, se essas possuem embasamento teórico para sua elaboração. A partir disso, buscar-se-á fazer um levantamento de aspectos sobre projetos de trabalho, visando proporcionar um maior entendimento. De acordo com Triviños (1987, p.110): “a pesquisa qualitativa é descritiva [...] a interpretação dos resultados surgem com a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto”.

Desse modo, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica para compreender de onde surgiu o trabalho com projetos, com qual propósito e as suas finalidades. Posteriormente, foi feito um trabalho de campo, que consistiu na entrevista a uma coordenadora pedagógica e duas professoras de duas escolas de Florianópolis e que se utilizam dos projetos em sua prática docente, para melhor compreender essa estratégia. As escolas são de diferentes redes, uma pertencente à rede municipal de Florianópolis e a outra é uma instituição privada de ensino.

A partir disso, procuramos perceber como se dá o processo de criação dos projetos nos contextos das diferentes instituições de ensino e refletir sobre alguns aspectos importantes para pensar a proposta pedagógica feita por projetos.

A análise dos resultados orientou-se a partir de categorias escolhidas por nós para compreender melhor o trabalho, na qual destacamos as seguintes: o envolvimento dos alunos, a definição do tema, a relação com os conteúdos programáticos, a estrutura, a duração e a avaliação.

2.1 Caracterização dos sujeitos

A seleção das escolas foi realizada por conveniência pelo aceite das mesmas em participar da pesquisa. Para tanto, foi realizada uma investigação informal com relação aquelas que trabalhavam por projeto na região de Florianópolis. A partir disso, foi feito contato para fazer o convite para participação e agendamento da entrevista.

As duas professoras e a coordenadora que se dispuseram a participar e contribuir com o trabalho foram uma de uma Escola Municipal de Florianópolis e a outra de uma Rede de Escolas Privadas situadas também aqui em Florianópolis.

Com intuito de facilitar a leitura e escrita desta análise, além de preservar a identificação das pessoas que participaram das entrevistas, apresenta-se um quadro com os códigos de representação que serão utilizados ao longo do trabalho:

Data da entrevista	Tipo de Instituição	Função	Sigla identificação
21 de Outubro de 2013	Municipal	Professora	PRM
22 de Outubro de 2013	Privada	Professora	PRP
22 de Outubro de 2013	Privada	Coordenadora	PCP

Tabela 1. Códigos de representação das entrevistadas

Para contextualizar um pouco sobre o caminho percorrido pelas professoras entrevistadas, cabe aqui explicar: a PRM começou sua trajetória na educação com o magistério, depois se graduou em pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC), se especializou em administração e supervisão pedagógica e por último recebeu o título de mestre na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual estudou sobre a prática pedagógica dos anos iniciais a fim de entender qual o espaço do brincar na escola para esta faixa etária. Já atua como professora há doze anos.

A PRP é graduada em pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e pós-graduada em alfabetização e literatura infantil. Atua na educação há três anos. E a PCP é formada em pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e atua na escola há vinte anos, há quatro anos na coordenação.

2.2 Caracterização das escolas pesquisadas

A escola da rede municipal de ensino é uma escola que conta com duas salas e quatro turmas. Duas turmas na parte da manhã e duas à tarde. Cada turma possui em média de 20 a 25 crianças que frequentam os anos iniciais do ensino fundamental.

Já a instituição de ensino privado conta com três unidades. Uma que vai do berçário ao ensino fundamental, uma unidade só de educação infantil e outra que vai da educação infantil até o ensino médio.

2.3 Instrumentos de coleta

A coleta de dados foi realizada por meio das entrevistas que visavam compreender quais são os processos envolvidos no exercício de planejar quando se utiliza dos projetos. Para tanto, foi elaborado um roteiro de entrevista a serem realizadas com duas professoras e com a coordenadora, abordando aspectos como:

- a) O perfil do entrevistado (Formação, Cargo que ocupa, Nível de envolvimento no projeto, Tempo de experiência na escola, Nível de ensino que atua);
- b) O perfil da instituição (Localização, Número de alunos, Número de turmas, Níveis de ensino, Tipo de instituição);
- c) Como acontece o trabalho com os projetos? Parte de uma situação-problema ou problema “eixo”? De onde surge o mesmo?
- d) Como é o envolvimento da gestão, outros professores, alunos e pais no projeto?
- e) Como é a relação com os conteúdos escolares?
- f) Como é feita a avaliação?

2.4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada observando os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Seleção das escolas e entrevistadas.
- b) Contato inicial e agendamento das entrevistas.
- c) Realização das entrevistas.
- d) Transcrição da gravação das entrevistas realizadas.
- e) Análise das entrevistas com base nos eixos definidos.

No que se refere às entrevistas, as mesmas foram feitas de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado, a professora PRM está no momento em licença gestação, portanto a entrevista foi feita em sua residência. Já as PRP e a PCP pediram que acontecesse no local de seus trabalhos.

As entrevistas não possuem um marco de tempo preestabelecido, as entrevistas foram acontecendo com intuito de deixar os entrevistados exporem como acontece o seu trabalho. A entrevista com a PRM teve cinquenta minutos de duração (50' min.), a entrevista com a PRP teve vinte e cinco minutos de duração (25' min.) e a entrevista com a PCP teve quinze minutos de duração (15' min.). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (no apêndice deste trabalho) para análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: O TRABALHO POR PROJETOS NA ESCOLA

Ao pensar no trabalho pedagógico logo pensamos em planejamento. O que iremos fazer hoje? Com qual finalidade? Como? Onde? O que precisamos? Tudo isso são reflexões que nos levam ao simples ato de planejar.

Entendemos que é fundamental o professor planejar, estruturar e programar a suas aulas garantindo a intencionalidade no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, é indispensável o ato de planejar. Ostetto (2001 p.1) nos alerta para a importância de observar, registrar e refletir sobre a prática, para que esta não caia na mecanicidade e guiadas por improvisos. É no planejamento que o professor marca sua intencionalidade e avalia as carências dos alunos e as novas apropriações. E é neste movimento de planejar com reflexão que o professor deixa claro suas intenções, seus objetivos e seus conceitos arraigados sobre a educação, sobre o ensino, sobre o aluno e suas preocupações com o que ensinar para seus alunos. É através das ferramentas (observação, registro e reflexão) que o professor reúne elementos para pensar sua prática, definir seus objetivos e sua intenção para e com as crianças. Salientando que este trabalho de observação, registro e reflexão cabe ao professor, mas não que todo o planejamento caiba única e exclusivamente ao professor. Freire (1997, p.37) afirma que: “aprender a avaliar é aprender a modificar o planejamento. No processo de avaliação contínua o educador agiliza sua leitura de realidade podendo assim criar encaminhamentos adequados para seu constante replanejar”, ou seja, é a partir do envolvimento com os alunos que surgirá elementos para impulsionar este trabalho. Através desta interação é que o professor vai tecendo o planejamento num constante ato de replanejar.

O planejamento feito a partir de projetos percebido nas escolas entrevistadas pode ser elaborado no individual para o coletivo ou no coletivo, quando toda a equipe pedagógica da escola se envolve, incluindo ou não os alunos. Em geral, o projeto inicia no coletivo, depois o professor inicia o trabalho em sala de aula (leva para sala de aula algumas ideias, proposições, sugestões), que seguirá novamente de forma coletiva, com o envolvimento das crianças, dos pais e de toda equipe.

Cabe ressaltar este envolvimento para e com as crianças quando se refere ao trabalho com projetos das duas professoras entrevistadas. A professora PRM em sua entrevista salienta a participação de seus alunos na escolha do tema:

na brinquedoteca a gente selecionou uma das histórias, eles escolheram, porque todo início da brinquedoteca a gente senta em roda e fazemos os acordos, eles dão sugestões, e aí a gente trouxe o problema: Das histórias que a gente estudou, que a gente leu, a gente vai escolher uma para fazer uma representação através de teatro. E aí eles escolheram uma que chamava “A Raposa manca” da Tchecoslováquia (República Tcheca agora). Aí a gente foi fazer um estudo na sala informatizada sobre a República Tcheca para conhecer mais a cultura deste país (...) (PRM, 2013 s/p).

E a professora PRP também salienta a participação em seus projetos:

aqui na escola fazemos assim, a gente sempre começa a atividade do dia na roda. E ali na roda, a gente explica o conteúdo que está na grade curricular, e a partir dali a gente começa a observar qual o interesse deles (...) Mas sempre surge assim, deles para montar a proposta de montar em sala, sempre deles. Nossa eles trazem cada coisa, às vezes a gente nem pede e eles trazem uma pesquisa que eles fizeram em casa e os pais também são bem participativos e colaboram bastante. (PRP, 2013 s/p)

Além da colaboração de todos para o desenvolvimento do projeto, a PRP diz que é bem melhor trabalhar assim, com todos participando. E que quando os alunos participam eles se interessam bem mais do que quando é algo pronto trazido para a sala de aula:

não adianta vir com uma proposta pronta, tipo, eu pego um projeto contigo “Ah, olha o que eu fiz lá na outra escola” me empresta pra eu fazer com meus alunos, não dá, não é assim.[...] Antes eu também trabalhava com projetos em outra escola só que era diferente. Não adianta, cada escola trabalha diferente. Na outra escola a gente trazia muito o projeto pra sala. Por exemplo, a gente vai trabalhar um projeto sobre animais, não que as crianças não se interessassem, mas não partia muito deles. Era muito “a professora traz”. Aqui é bem diferente, a gente tem que ficar muito atento, observar bastante pra ver pra onde eles vão querer. Ver aonde eles se interessam e aprofundar nisso. Quando é uma coisa vinda, quando a professora traz uma coisa muito pronta eles não ficam assim muito empolgados. (PRP, 2013 s/p)

É essencial para o trabalho com projetos ter o aluno como centro, ou seja, o interesse deve partir do aluno. Quando parte do interesse do coletivo, o projeto acaba por atingir a comunidade como um todo. O projeto se torna um trabalho cooperativo com atividades onde todos participam como trabalhos em grupos e pesquisas. As crianças aprendem com as contribuições de todo o grupo, na troca de informações, experiências e investigações. A participação relatada pelas professoras demonstra a importância dada ao cruzamento dos conteúdos com a vivência dos alunos e o incentivo a participação e envolvimento de todos com o projeto, salientado quando Hernández e Ventura (1998) afirmam: “a riqueza do projeto depende mais da comunicação e interação na sala de aula do que da quantidade de conteúdos” (1998, p.71).

3.1 A escolha dos temas nos projetos

O trabalho por projetos na escola da PRM, parece ser de bastante autonomia para os professores, ou seja, todos os professores participam da escolha do tema central na reunião pedagógica. Geralmente a escola define um tema já no começo do ano, PRM diz que:

(...) na escola a gente procura trabalhar por projetos, então a gente geralmente tem um tema mais geral, não é que todos os anos aconteça isso, mas geralmente a escola tem um que surge de alguma problemática que a gente percebe na comunidade, ou alguma coisa que os alunos trazem e daí cada turma vai trabalhar mais especificamente um tema dentro deste projeto maior. De uns anos pra cá é o que vem acontecendo na escola. (PRM, 2013, s/p).

Na escola da PRP e PCP o tema central também é trabalhado por todas as turmas, porém este não é escolhido pela equipe da escola e sim vem pela diretriz da ONU (Organização das Nações Unidas):

(...) este tema na verdade não parte da coordenação, ele parte da *Organização das Nações Unidas* (ONU), cada ano a ONU lança uma temática para ser trabalhada. Este ano foi sobre a água e a escola procura trabalhar com este tema. (PRP, 2013, s/p).

Para buscar compreender estes temas disseminados pela ONU anualmente, encontramos em seu portal virtual que estes temas são divulgados por tratarem-se de um movimento ambiental que busca conscientizar o mundo sobre a importância de cuidar do planeta rumo ao desenvolvimento sustentável.

Iniciado para amenizar os impactos da Industrialização no planeta após a Segunda Guerra Mundial, por conta dos rumores sobre poluição e radiação, é que o movimento ambientalista ganhou forças sendo criado o grupo PNUMA:

a Assembleia Geral criou, em dezembro de 1972, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que coordena os trabalhos da família ONU em nome do meio ambiente global. Suas prioridades atuais são os aspectos ambientais das catástrofes e conflitos, a gestão dos ecossistemas, a governança ambiental, as substâncias nocivas, a eficiência dos recursos e as mudanças climáticas (ONU, 2013).

Para dar então início rumo ao desenvolvimento sustentável a ONU declarou o período de 2005 a 2014 a “Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável”, na qual envolve a educação para contribuir com este movimento:

A Década, que tem a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como principal agência, procura ajudar as populações a desenvolverem atitudes, habilidades e conhecimento para tomarem decisões informadas para o benefício próprio e dos outros, agora e no futuro, e para agirem sobre essas decisões (ONU, 2013).

Portanto, é com intuito de conscientizar o mundo sobre a importância do ponto de vista ambiental e da sustentabilidade que a ONU divulga periodicamente ações positivas para todo o mundo. Tais como:

A Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014) e a Década Internacional “Água para a Vida”, que começou em 22 de março de 2005. Além disso, a comunidade mundial observou o Ano Internacional das Fibras Naturais em 2009, o Ano Internacional da Biodiversidade em 2010 e o Ano Internacional das Florestas, em 2011. (ONU, 2013).

E a partir desses temas é que a Escola Privada em questão, baseia-se para orientar o trabalho pedagógico e o principal tema do trabalho dos professores em sala de aula, que juntamente com sua turma irá definir um subtema para o desenvolvimento do projeto.

Cabe aqui refletir sobre a escolha do tema na qual Nogueira (2001) nos traz uma compreensão, que o projeto é um prospecto que antecede como saciar uma necessidade, como desvendar uma curiosidade, como resolver uma problemática, elegida por sua excelência como principal fator motivacional do desenvolvimento do projeto. Portanto, se é esta necessidade que motiva, será que podemos utilizar um mesmo projeto para todas as turmas? E um mesmo tema?

Na escola da PRM o tema central dos projetos parte de uma problemática vivenciada, ou trazida pelas crianças, ou pela comunidade e decidida em reunião qual será trabalhado, já na da PRP o tema central vem por determinação da coordenação pedagógica guiada pela diretriz da ONU.

Como dito anteriormente é uma necessidade, curiosidade, uma problemática em comum a ser desvendada que norteia o trabalho por projetos, a qual é elegida no coletivo, para assim ser vivenciada pela turma: “se considerarmos um projeto a realização de um ato de projetar, sonhar, etc., como a coordenação pedagógica poderá estar “sonhando” ou vislumbrando os interesses e as necessidades de seus executores (alunos)?” (NOGUEIRA, 2001, p.91).

Nesse sentido, sobressai a ideia de que o projeto deve ser um processo coletivo. Os professores juntamente como os alunos analisam as possibilidades e debatem sobre o que quer ser estudado. Como explicam Hernández e Ventura (1998) os alunos tendem a querer

estudar aquilo que já sabem, mas é no coletivo com as discussões que o professor propõe a argumentação. Por qual motivo estudar isso ou aquilo? E não simplesmente por gostar ou querer e pronto:

o professorado e os alunos devem perguntar-se sobre a necessidade, relevância, interesse ou oportunidade de trabalhar um ou outro determinado tema. Todos eles analisam de diferentes perspectivas, o processo de aprendizagem que será necessário levar adiante para construir conjuntamente o Projeto. [...] Em qualquer caso, trata-se de defini-lo em relação às demandas que os alunos propõem. (HERNÁNDEZ E VENTURA, 1998 p.67).

Os professores podem juntamente com seus alunos analisar e avaliar o tema não de forma desconexa, mas sim a partir de projetos já trabalhados, conceitos que serão trabalhados, a história do grupo, e etc a partir de um programa. E, principalmente, por debates com argumentação, para não ficar no estudo a partir do que já se conhece perdendo a possibilidade de ampliação.

O trabalho da PRM realizado a partir de projetos acontece com as turmas de 1º e 2º ano (2º ano de manhã e com o 1º ano à tarde). A professora explica que nessas etapas do ensino o trabalho realizado é concentrado na alfabetização dos alunos. Portanto, seus projetos são centrados nesta questão, principalmente, a partir da literatura infantil, de onde parte sua prática. Já o trabalho da PRP com projetos, também no 2º ano, abrangem temas variados. E dentro deste tema é trabalhado todos os assuntos referentes a conteúdos para esta etapa do ensino.

Considerando esses aspectos, identificamos que as escolas participantes da pesquisa têm posicionamentos e posturas diferenciadas. Porém, podemos entender que mesmo com essas diferenças há aproximações com o que se entende por projetos já que ambas: buscam perceber os interesses e necessidades dos alunos, veem o aluno como co-partícipe do processo, ou seja, busca com o professorado novos conhecimentos, valorizam a argumentação, partem de conhecimentos programáticos para o desenvolvimento do projeto, o conteúdo é trabalhado além da forma conceitual, com possibilidades procedimentais e atitudinais, visam as interações do aluno com o meio, com outros indivíduos e com o objeto do qual pretende se apropriar, e acima de tudo, a aprendizagem acontece de forma significativa.

3.2 A relação com os conteúdos programáticos

Na escola da PRM após a definição do tema é feito um esforço para que as outras atividades da turma sigam em consonância com o tema trabalhado, incluindo, também, o planejamento da Brinquedista (do espaço Brinquedoteca), das aulas de Educação Física e das aulas de Música. Já com relação aos conteúdos programáticos do período escolar a professora demonstra dificuldade em trabalhá-los a partir do projeto:

porque daí assim, a gente está trabalhando com projetos, mas temos os conteúdos para dar conta que são das áreas do conhecimento que não tem como estarem envolvidos neste projeto, então eu tenho um trabalho paralelo que algumas coisas é possível encaixar, outras não. Eu trabalho com atividades de sistematização do conteúdo, tem toda uma estrutura curricular, o tempo da brinquedoteca, o tempo de educação física, o tempo de aula de música, o tempo de aula comigo, e eu tenho que dar conta de alguns conteúdos naquele bimestre e que não tem como encaixar. Por exemplo, neste projeto coube o conteúdo de ciências, que a gente tava trabalhando a questão da horta, com “O grande rabanete”, contagem deu pra trabalhar, mas algumas coisas dá, agora tem outros conteúdos que é forçação de barra então a gente trabalha mais a parte. (PRM, 2013 s/p)

Assim, percebe-se que o projeto trabalhado pela PRM é criado já com um objetivo, que visa trabalhar algum (ou alguns), conteúdos específicos. E se possível é engajado aos conteúdos das diversas áreas do conhecimento previstos no currículo, ou seja, o projeto é integrado na medida do possível às rotinas e conteúdos curriculares.

Já o trabalho com projetos na escola da PRP almeja a efetivação da interdisciplinariedade, ou seja, pretende-se trabalhar com todos os conteúdos a partir do tema central do projeto:

a gente tenta trabalhar de forma interdisciplinar, os Brinquedos e as Brincadeiras, tudo a gente vai fazendo relação. Então, por exemplo, agora estamos trabalhando a multiplicação, então construímos um jogo para trabalhar a multiplicação. É um material que a gente tem aqui na escola, mas nós construímos um com eles. Aí a gente vai fazendo relação com os conteúdos, trabalhamos agora a história da pipa e na aula de artes a gente vai fazer uma oficina da pipa com eles (...) (PRP, 2013 s/p)

Nos projetos da PRP busca-se, sobretudo, trabalhar os conteúdos da grade curricular relacionando-os com o tema do projeto que está sendo desenvolvido. A coordenadora PCP confirmou esta prática em sua entrevista, explicando que os projetos partem da grade:

surgiu porque faz parte da grade curricular. E dentro da grade então se monta o projeto. Claro que, depende muito do momento da criança, eles estão num momento de roda, a professora coloca um conteúdo onde dali vão surgindo ideias do que eu posso, de como que vou então produzir, e também na necessidade e no interesse do que os alunos em sala de aula demonstram pra você estar puxando então esta parte do projeto. (PCP, 2013 s/p)

A professora PRP afirmou que embora haja conteúdos que partam da grade curricular, uma problemática geral disseminada pela ONU, que leva a escola como um todo trabalhar a partir de uma temática, as professoras juntamente com seus alunos tem bastante autonomia para escolher o que e como será o trabalho desenvolvido. Há um marco inicial, mas que pode ir se moldando de acordo com as necessidades:

(...) a professora vai cursando um caminho conforme o interesse da criança até a conclusão deste projeto...,por exemplo, ano passado a professora estava trabalhando com eles os animais, daí eles trouxeram, disseram e notamos que a maioria tinha gato em casa. Então resolvemos e o projeto daquele ano foi sobre o gato. A gente sempre procura saber do interesse deles pra trabalhar em sala. (PRP, 2013 s/p).

Hernández e Ventura (1998, p.61) nos explicam que o projeto parte dos conteúdos: “a função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares (...)”. Essa função pode ser observada no trabalho das duas professoras entrevistadas, no entanto na escola privada, da PRP, tenta-se abranger todos os conteúdos, já na escola municipal da PRM o projeto tende a organizar alguns conteúdos previamente selecionados, sendo que nem todos os conteúdos são abarcados.

Nogueira (2001) vem a concordar com Hernández e Ventura (1998), dizendo que um projeto temático não precisa e não deve ser desconexo à programação do período. Muito pelo contrário, deve ser desenvolvido (junto com os alunos) a fim de acrescentar, enriquecer a aprendizagem dos conteúdos. Além de propiciar a diversificação das ações, das experiências, para acentuar o aprendizado. E ainda:

(...) os projetos temáticos são ferramentas que possibilitam uma melhor forma de trabalhar os velhos conteúdos de maneira mais atraente e interessante, e ainda focada no aluno, percebendo individualmente as diferentes formas de aprender, os diferentes níveis de interesse, assim como as dificuldades e as potencialidades de cada um (NOGUEIRA, 2001 p.95).

Portanto, cabe refletir sobre a definição do que são os projetos e qual a finalidade de seu uso. Partindo do pressuposto que os projetos são uma forma de organizar o trabalho com relação ao ensino e aprendizagem dos conteúdos de forma mais dinâmica, instigante, interessante e tendo o aluno com centro, um projeto deverá possuir a possibilidade de se

trabalhar com os conceitos estipulados pelo programa do período na qual se trabalhará. Ao menos é importante que haja o esforço para esta finalidade. Caso contrário trabalhar com projetos se tornará desconexo e tradicional, diferente de uma proposta interdisciplinar que visa ampliação das experiências, ele se esvairá sem uma continuidade, sem necessidade de ampliação.

3.3 Estrutura, duração e avaliação dos projetos

Os projetos da PRM e da PRP são estruturados a partir de itens como: Tema, Justificativa, Objetivos, Procedimentos e Avaliação, explicitando como vai ser o fechamento do projeto. Na escola da PRM os projetos tem seu tempo de duração indefinidos, dependendo do tipo de projeto que está sendo realizado: “depende, este aqui durou mais ou menos um mês, o do Grande Rabanete. Já o do Boi de mamão durou o bimestre inteiro”. (PRM, 2013 s/p) Já na escola da PRP os projetos são semestrais, a cada semestre escolhe-se outro tema para ser trabalhado juntamente com a turma.

Ao estudar aspectos sobre os projetos, percebe-se que os autores trazem elementos importantes para se pensar a proposta, porém não há uma fórmula definida e fechada para sua estrutura e execução. Eles trazem a importância de não ser uma proposta que chega na sala de aula pronta: com começo, meio e fim. O importante, no projeto em si, é seu desenvolvimento, as vivências, as trocas de experiências, a curiosidade instigada a procurar conhecer sempre mais. Neste caso, os projetos possuem uma estrutura inicial que o professor vai planejando, porém o desenvolvimento e os aspectos que vão surgindo fazem parte também do trabalho por projetos:

(...) este processo não deverá ser algo “engessado”, e ser rigidamente seguido pelos alunos, mas com certeza no primeiro momento servirá como norte para realizar uma atividade (planejamento), que em raros casos é tratada no ambiente escolar, mas que, sem dúvida alguma, estará presente no dia a dia de qualquer profissional. É importante mencionar que um planejamento pode ser alterado no decorrer de sua execução, pois ajustes são necessários ao bom funcionamento e andamento de um processo. (NOGUEIRA, 2013 p.100)

Partindo destes pressupostos é que podemos pensar em como avaliar este processo. Na escola da PRM (2013) a avaliação é voltada ao nível de escrita e leitura que a criança estava no início e no fim do trabalho com o projeto. A professora entrevistada

explicou que a criança é parâmetro dela mesma, para perceber o nível que ela estava no começo e depois no final. Como a avaliação até 2012 era trimestral, a avaliação era descritiva. Porém, mudou para bimestral, o que segundo ela, torna, em sua percepção, impossível a descrição de cada aluno por conta do tempo, portanto, as avaliações passaram a ser feitas à partir de um quadro que continham metas relacionadas aos objetivos do projeto e ali era assinalado se a criança *Alcançou, Alcançou Parcialmente ou Não Alcançou* as metas propostas.

Na escola da PRP a avaliação é feita durante o processo. É uma avaliação descritiva trimestral de acordo com os avanços do aluno. Assim, considera-se o aluno, seu avanço e suas particularidades:

aqui a gente não tem nota em si, a gente não tem prova, então a avaliação é um pouco mais trabalhosa. É trimestral. É muito mais fácil você ir lá dar uma nota, a criança recebe, vai lá e deu. A gente tá o tempo inteirinho avaliando. Tanto que assim, no final da tarde, a aula terminou e as crianças foram pra casa, eu tenho um diário que ali eu anoto, por exemplo, “Hoje o fulano conseguiu fazer alguma coisa que antes ele tinha dificuldade de fazer” então, eu tenho que anotar tudo pra depois fazer uma avaliação deles. Porque a gente usa conceitos na avaliação, B é Bom, E é Excelente. Então a avaliação se dá no tempo inteirinho, não dá pra avaliar só quando chega lá no final. Eu tenho que olhar todo o processo pra poder avaliar. Se dá o tempo todo, constantemente: numa atividade, nos deveres que trouxe, na participação em sala, na participação dos pais em casa, se estão ajudando, é todo um processo. (PRP, 2013 s/p)

Considerando esses aspectos da avaliação, Hernández e Ventura (1998) explicam a importância da *fase evolutiva inicial* na qual o professor deve observar seus alunos no início do projeto para fazer um diagnóstico com relação ao que sabem sobre o tema que será trabalhado. Ou seja, a avaliação passa a ter um caráter *formativo*. E tratando-se do projeto como uma forma de organizar a proposta pedagógica de forma instigante, reflexiva, que valoriza as experiências e vivências, que não possui um *começo, meio e fim* engessado, a avaliação dos resultados são sempre o início do planejamento de propostas posteriores.

É através de todas as etapas avaliativas: a observação, os registros, como foi o desenvolvimento das atividades, das novas questões, que o professor planeja suas aulas:

A partir dos instrumentos de avaliação utilizados, sejam provas ou tabelas para o registro das observações, o professor pode refletir sobre o plano de aula sistematizado para tomada de decisões com relação às próximas ações pedagógicas, bem como para rever, adequar ou modificar seu plano de aula inicial. Desse modo, o planejamento revela-se um processo contínuo e reflexivo que permite ao professor aprimorar e melhorar sua prática pedagógica. (RAMOS, 2013 p. 11)

A partir destas compreensões percebe-se o quanto o trabalho do professor precisa estar conectado (os objetivos, o desenvolvimento, a avaliação, a reflexão), indo e vindo neste movimento cíclico, para que possa avançar com os conhecimentos.

Para melhor visualização dos resultados, é possível analisar a tabela de sistematização organizada a partir da síntese dos dados:

	PRM	PRP
Envolvimento das crianças	A todo momento. A professora senta em roda e faz os acordos.	A todo momento. A professora começa o dia na roda e observa qual o interesse dos alunos
Escolha dos Temas	Tema geral escolhido no início do ano na reunião pedagógica.	Tema sobre as diretrizes da ONU, e em sala com as crianças escolhem um subtema.
Relação com os Conteúdos	Encaixa o que for possível, geralmente os conteúdos são trabalhados de forma paralela.	Interdisciplinar, tenta ao máximo fazer relação com o tema que está sendo trabalhado.
Estrutura	Tema, Justificativa, Objetivos, Procedimentos e Avaliação.	Não teve acesso aos dados.
Duração	Depende. Geralmente um bimestre.	Um semestre.
Avaliação	Bimestral. Quadro com preenchimento (Alcançou, Alcançou parcialmente e Não alcançou) e alguns apontamentos descritivos.	Trimestral descritiva. Registros diários

Tabela 4. Sistematização dos Resultados.

De modo geral, os resultados obtidos por meio das entrevistas aproximam-se das principais características de trabalho por projetos, pois ambas colocam o aluno como centro da atividade educativa e desenvolvem o trabalho a partir de temas que norteiam as práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho intitulado “*O trabalho pedagógico por projetos: entre a teoria e a prática*” nos fez perpassar por diversos conceitos que são inerentes a prática educacional. Reflexões acerca do como ensinar, os métodos, o ato de planejar, avaliar, a prática, os conteúdos, os objetivos, a importância da criticidade com reflexão, a sala de aula, a vida, a aprendizagem significativa, o conhecimento, a interdisciplinariedade, a pesquisa, a constituição histórica da educação, as mudanças sociais, a escola, a construção do conhecimento, o aluno como partícipe, as problemáticas, a responsabilidade e compromisso com a profissão, o ser professor como um ato político, entre tantos outros. Esse resgate de

conceitos e questões que podem ser relacionadas com a temática dos projetos demonstram como há fatores que se entrelaçam. Ao escolher uma temática com a qual desenvolvemos nosso trabalho de conclusão de curso não tínhamos ideia de quão abrangente ele poderia se tornar, pois de um eixo surge elementos que vão tecendo um enorme emaranhado de conhecimentos importantes para nossa formação.

Perpassando pelos objetivos deste trabalho, acreditamos que foi possível atingir vários aspectos relevantes a compreensão para com a temática em questão. Estruturamos um aparato teórico com as contribuições trazidas pelos autores estudiosos desta área, trouxemos elementos para compreender como foi se constituindo o trabalho com projetos em sua temporalidade e qual seus principais estruturadores e a partir das entrevistas pudemos perceber algumas diferenças existentes no trabalho com projetos, além de refletir sobre questões importantes para o planejamento de nossa prática docente.

Com relação a temática fica evidente o fato de que não há uma fórmula pronta para pensarmos nosso planejamento e sim infinitas considerações e elementos para compor nossa prática. Ao escolher o tema, pensamos que iríamos encontrar respostas objetivas junto a nossa problemática, no entanto, nos deparamos com a verdadeira máxima do aprendizado, nunca paramos de aprender. A cada dia aprendemos coisas novas, a cada dia nos aprimoramos e vamos aumentando nossa bagagem de conhecimento, principalmente quando tomamos por base uma prática pedagógica reflexiva. Na prática pudemos tecer nossa formação profissional e humana, ao mesmo tempo em que aprendemos pelas e nas relações. Aprendemos que o processo de tornar-se professor vai elevando a cada momento o seu aprimoramento, sem deixar de aprender a todo momento, pois como vimos percebe-se que o professor possui um papel político de responsabilidade social, visando contribuir com o pleno desenvolvimento humano. Sem perder de vista, como defende Gadotti (2001), que a escola é uma instituição social que visa a formação cidadã dos alunos para a construção de uma sociedade com base na igualdade e na justiça. E ainda como confirma Hernández (1998, p.10) a escola “é a instituição que pode possibilitar à maior parte dos cidadãos, sobretudo aos mais desfavorecidos, melhores condições de vida”. Portanto, o professor ao adentrar na carreira estabelece compromissos valiosos para com a sociedade e para com seus alunos.

A partir do trabalho desenvolvido é possível reconhecer como os momentos importantes do passado da educação muito criticados na atualidade, são importantes para compreendermos o caminho percorrido até chegarmos nos conceitos que defendemos hoje.

Afinal, se não recordarmos do caminho percorrido, corremos o risco de passarmos pelo mesmo local novamente, repetidas vezes, e andarmos em círculos. É preciso olhar para trás e ter consciência de nossos feitos. É através dos conhecimentos produzidos no passado que podemos avançar e mesmo contribuir com a produção de conhecimentos na atualidade.

A pesquisa para entender como acontece o trabalho por projetos não trouxe apenas elementos para a elaboração de um projeto, mas também elementos importantíssimos para pensar e refletir sobre a prática na sala de aula como um todo. A partir da pesquisa e dos que os autores discutem, podemos destacar doze itens que sintetizam estes elementos:

1. Planejar com intencionalidade e refletir sobre seus objetivos e ideais são ação fundamentais a prática docente.
2. Evitar fragmentações, estar atento para não fragmentar o conhecimento, pois, é importante a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses, pois facilita os alunos na construção de seus conhecimentos.
3. Refletir sobre a aprendizagem, pois deve ser significativa e não de meras memorizações e fixações.
4. Valorizar o processo em si, ou seja, o desenvolvimento é tão importante quanto os resultados, pois envolvem as relações e as múltiplas interações e não apenas a quantidade de conteúdos.
5. Perceber o aluno no seu processo de construção do conhecimento.
6. Ampliar a ideia de conteúdo para além do aspecto conceitual, incluindo os conteúdos procedimentais e atitudinais.
7. Planejar com flexibilidade, pois o projeto configura-se a partir de uma estrutura lógica e sequencial, numa ordem que facilite a compreensão dos alunos, porém essa previsão constitui um ponto de partida, não uma finalidade, já que pode ser modificada na interação da classe e de acordo com os interesses dos alunos.
8. Compreender e trabalhar com a memorização compreensiva.
9. Avaliar de forma a analisar o processo seguido ao longo de toda a sequência e das interações criadas na aprendizagem e não só no ponto de chegada. O professor deve assumir uma atitude de avaliação.
10. Reavaliar e replanejar constantemente.
11. Valorizar o cruzamento dos conteúdos e informações com a vivência dos alunos, afinal, é desta forma que a aprendizagem vai se tornando significativa;

12. Incentivar a curiosidade e os interesses dos alunos como motivadores para o processo de aprendizagem.

A partir desses aspectos destacamos que as contribuições do trabalho por projetos reside, sobretudo, na perspectiva de que a relação ensino aprendizagem é uma troca. O professor não é mais o centro desta relação como autoridade que escolhe o que vai ser ensinado e como vai ser ensinado. Os alunos tem papel fundamental, eles agora no centro da relação ensino e aprendizagem contribuem com o planejamento do professor e assim estabelece-se uma relação de troca, na qual o aluno revela suas curiosidades e interesses que motivam sua aprendizagem e o professor vai construindo seu planejamento de forma coletiva e investigativa, para também aprender com seus alunos.

REFERÊNCIAS

- BAFFI, Maria Adélia Teixeira. *Projeto Pedagógico: um estudo introdutório*. **Pedagogia em Foco**, Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/gppp03.htm>>. Acesso em: 04 de Junho de 2012.
- FREIRE, Madalena et alii. *Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.
- GADDOTI, Moacir. *Dimensão política do projeto pedagógico*. Minas Gerais: SEED, 2001.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDEZ, F e VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho – o conhecimento é um caleidoscópio*. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MOÇO, Anderson. *14 perguntas e respostas sobre projetos didáticos*. **Revista nova Escola**. São Paulo, edição 241, abril de 2011.
- MOURA, D. G. e BARBOSA, E.F. *Trabalhando com Projetos: Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais*, 4ª. Ed. Ed. Vozes, Petrópolis - RJ, 2009
- NOGUEIRA, N. R. *Pedagogia dos projetos: Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo: Érica, 2001.
- OLIVEIRA, Cacilda Lages - *Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos na Educação Básica*, dissertação de mestrado – Capítulo 2, CEFET-MG, Belo Horizonte - MG, 2006.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *A ONU e o meio ambiente*. ONU, 2013. Disponível em : <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/>> Acesso em 02 de novembro 2013).
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Andando por creches e pré-escolas públicas: construindo uma proposta de estágio*. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) *Encontros e encantamentos na educação infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL FLORIANÓPOLIS. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Proposta curricular para a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: Traduzindo em Ações: das diretrizes a uma proposta curricular*. Florianópolis: SME, 2008.
- PRM, Professora da Rede Municipal. Entrevista I. [out. 2013]. Entrevistador: Laura Severo Thomazetti. Florianópolis, 2013. 1 arquivo .mp3 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

PRP, Professora da Rede Privada. Entrevista 2. [out. 2013]. Entrevistador: Laura Severo Thomazetti. Florianópolis, 2013. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

PCP, Professora Coordenadora da Rede Privada. Entrevista 3. [out. 2013]. Entrevistador: Laura Severo Thomazetti. Florianópolis, 2013. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

RAMOS, Daniela K. . *Os conteúdos de aprendizagem e o planejamento escolar*. Psicopedagogia On Line, v. 3, p. 1-11, 2013. Disponível em:
<http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1582#.UUny8DeNAXs>
Acesso em: 18 de Outubro de 2013.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, I. P. A. (Org.) *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 23. Ed. Campinas: Papirus, 2001.

ZABALA, Antoni. *A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise*. In: *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL - PRM

1 – Qual é o seu nome completo?

R: PRM

2 – Qual a sua formação?

R: Eu fiz o ensino médio PPT e depois o magistério intensivo. Eu estava procurando emprego e fui trabalhar numa escola de educação infantil e aí comecei a conviver com este contexto de escola e comecei a gostar e resolvi fazer o magistério. Depois eu fiz pedagogia na PUC do Rio Grande do Sul, eu sou de porto Alegre, e depois fiz uma especialização em administração e supervisão pedagógica e por fim, fiz o mestrado aqui na UFSC sobre a prática pedagógica dos anos iniciais para entender qual o espaço do brincar na escola para esta faixa etária, eu fiz uma pesquisa bibliográfica para resgatar alguns autores da história sobre o pensamento pedagógico e na teoria destes autores eu fui fazendo este resgate e vendo como podia se pensar e enxergar o brincar nesta faixa etária na escola. Entendendo que o brincar é atividade principal da criança. E também que brincar era este para esta idade? O mesmo brincar de uma criança mais nova? Diferente? Por aí que se deu a minha pesquisa.

Eu trabalhei alguns anos na educação infantil mas a minha formação foi toda voltada para os anos iniciais, eu trabalhei durante 6 anos no estado do rio Grande do Sul como professora efetiva e depois eu vim pra cá e fazem 6 que eu estou efetiva na prefeitura como professora de anos iniciais?

3 – Neste ano você está atuando em qual turma?

R: Este ano eu atuei até Julho porque agora estou em licença maternidade, eu estava trabalhando com o 1º e 2º ano. 2º ano de manhã e com o 1º ano a tarde.

A escola que eu trabalho é uma escola desdobrada, então tem uma turma de cada ano. É uma escola pequena têm duas salas de aula, então de manhã tem 2º e 3º ano e a tarde tem 1º e 4º ano.

4 – No teu trabalho você utiliza projetos?

R: Na escola agente procura trabalhar por projetos, então a gente geralmente tem um tema mais geral, não é que todos anos aconteça isso, mas geralmente a escola tem um que surge de alguma problemática que a gente percebe na comunidade, ou alguma coisa que os alunos trazem e daí cada turma vai trabalhar mais especificamente um tema dentro deste projeto maior. De uns anos pra cá o que vem acontecendo na escola, é isso. A gente encontra algumas complicações porque eu sou a única efetiva na escola trabalhando em sala de aula, então tem uma rotatividade muito grande de professores. Até ter este entendimento de como a escola trabalha, do trabalho com projetos, muitas vezes encontramos certas dificuldades e problemáticas no cotidiano em função disto. Mas eu trabalho sempre com projetos.

5 – Qual a localização da escola e o nome?

R: Fica aqui na lagoa, é municipal.

6 – São 4 turmas? Quantos alunos por turma?

R: De 20 a 25 crianças por sala.

7 – Como acontece a escolha deste tema? Vocês participam?

R: Sim, totalmente. Não é um tema que, por exemplo, assim, a coordenação chega e diz: vamos trabalhar este tema este ano. Não é isso. Nas reuniões pedagógicas os professores levam elementos trazidos das crianças, e até coisas que a gente percebe na comunidade para pensar o tema que vai ser trabalhado. Nós somos uma Ecoescola, a gente tem projeto de horta, tem projetos ambientais, uma parceria com um projeto do Canadá que visa esta questão da sustentabilidade enfim, geralmente o gancho do trabalho é voltado a isso, a este trabalho que a escola desenvolve, mas não necessariamente só isso, às vezes são questões culturais da escola. A gente tem uma brinquedoteca, isso é importante salientar, ela têm 13 anos de funcionamento, foi financiada pela Fundação Abrink e agora a gente que dá continuidade com a prefeitura, então tem um profissional que é da educação infantil, disponibilizado para ser o “brinquedista” que coordena este espaço. Os professores sempre acompanham as crianças neste espaço, o 1º ano vai duas vezes na semana para este espaço e os outros vão uma vez por semana, por em média 50 minutos. Quinzenalmente a gente tem planejamento, os professores com a “brinquedista” e aí a gente pensa os projetos. Estes projetos estão sempre associados ao trabalho de sala de aula e ao trabalho que é feito na brinquedoteca. Este ano a gente recebeu o professor de música, então a gente conseguiu “linkar” com o professor de música e com a professora de educação física também.

No 1º ano, por exemplo, este ano no primeiro bimestre eu trabalhei com eles o projeto sobre o boi de mamão, porque eles são uma turma que vem do NEI Canto que é do lado da escola e que eles eram fissurados pelo boi de mamão esta turma, então resolvi trabalhar com o boi de mamão. E a professora de educação física estava trabalhando com eles com relação as brincadeiras do boi, o professor de música estava trabalhando com as músicas e eu estava trabalhando as questões da alfabetização a partir da brincadeira do boi de mamão.

Ao longo deste tempo eu fui trabalhando com as letras das músicas, eu pus na sala de aula um painel enorme, do tamanho da parede, que tinha uns bolsões: cada bolsão tinha o nome do personagem, um fantoche de feltro, e a música daquele personagem escrita. Eles brincavam com os fantoches. E trabalhávamos em cima dos personagens. Relato da sala de aula: As crianças olhavam e diziam “esta daqui é a bernunça!”. Eu perguntava: Onde que é o lugar da bernunça no painel dos bolsões? Bernunça começa com que letra? Quais personagens que também começam com B? Que letra que vem depois do B pra fazer BER? E assim trabalhando estas questões com as letras. Com as letras das músicas também que a gente cantava e ouvia. Aí por exemplo eu dava a letra da música faltando palavras para completar, várias palavras para encontrar uma específica para completar, às vezes em grupo e em alguns momentos individuais [...]

Deste material a gente foi coletando e fez um portfólio dos trabalhos de leitura e escrita associados ao boi, então eu trabalhei mais esta questão voltada na alfabetização na sala de aula. Mas num dos momentos que fomos na brinquedoteca, por exemplo, a “brinquedista” contou uma história sobre o boi de mamão e a partir disto eles escolheram um dos personagens e daquele personagem eles fizeram o desenho, viram as cores que iam usar e depois passamos isto para telas. Pintura em tela. Como eles iam duas vezes na semana fizemos assim, um dia era livre e o momento dirigido que daí é este que está associado ao projeto que é trabalhado que no caso, foi a produção das telas. Isso tudo, a gente leva para

uma mostra educativa que acontece na escola ao fim do bimestre, então é os trabalhos que eles vão expor e apresentar para as famílias deles.

Do 1º ano foi este o projeto, do 2º ano nós estávamos trabalhando com um livro que chama: “Volta ao mundo em 52 histórias” que é um resgate de histórias de vários lugares do mundo.

8 - Como foi a escolha deste livro para o projeto?

R.: Eu peguei um dia este livro para contar uma história para eles e eles se interessaram, queriam que eu lesse as outras histórias, então a gente combinou que ia trabalhar com aquele livro. Então a gente foi lendo as histórias. A cada dia lia uma história e eles faziam o registro da história, porque daí a gente foi trabalhando a estrutura da narrativa. Depois que a gente lia a história, no dia seguinte fazia um resgate da história na roda, e a partir daí fazíamos uma ficha onde eles colocavam o nome da história - porque todos já estavam lendo e escrevendo, pois eram meus alunos no 1º ano - e registravam o nome da história, os personagens da história, tempo em que ela ocorria, o lugar onde se passava e qual era a problemática daquela história. Esta problemática eles não escreviam, eles mostravam o problema, porque toda narrativa tem um problema a ser solucionado, então eles mostravam esta problemática através de um desenho. A gente foi fazendo um acumulo destas fichas e fizemos um fichário sobre as histórias deste livro. As histórias neste livro possuem categorias, deixa eu ver se eu lembro todas as categorias [pausa], por exemplo uma das categorias era “Plumas e trapos”, que eram histórias de pessoas que são pobres e que por esperteza ou por sorte acabam se tornando ricas, como por exemplo o “João e o pé de feijão”, a mãe e ele estavam pobres aí ganharam os feijões, plantaram, cresceu e aí vão lá no gigante e começam a roubar as coisas e acabam ficando ricos. Então esta “Plumas e trapos” eram histórias com esta característica de diversos lugares do mundo. Como eram 52 histórias a gente selecionou algumas histórias de cada categoria para conseguir dar conta do estudo das quatro. Aí montamos um álbum que foi um portfólio de fichamento destas histórias que lemos, estudou, enfim. Na brinquedoteca a gente selecionou uma das histórias, eles escolheram, porque todo início da brinquedoteca a gente senta em roda e fazemos os acordos, eles dão sugestões, e aí a gente trouxe o problema: Das histórias que a gente estudou, que a gente leu, a gente vai escolher uma para fazer uma representação através de teatro. E aí eles escolheram uma que chamava “A Raposa manca” da Tchecoslováquia (República Tcheca agora). Aí a gente foi fazer um estudo na sala informatizada sobre a República Tcheca para conhecer mais a cultura deste país e então nós fomos lá na origem dessa história pra estudar esse país, ver qual é este país, daí a gente estudou a culinária, a questão da história do país, alguns aspectos da república Tcheca. Fizemos um grande painel com o material que a gente coletou, a gente leu, agente estudou, conversou, eles apresentaram as coisas que eles trouxeram. Um grupo foi estudar sobre a culinária, o outro foi investigar sobre a questão territorial do país, então cada grupo estudou um aspecto, eles apresentaram. E na brinquedoteca a gente fez os ensaios e a preparação. Com o apoio do pessoal do teatro da UDESC (Universidade do estado de Santa Catarina) eles nos ajudaram com várias técnicas de construção de peça teatral com as crianças, a partir da técnica do improvisado. Ou seja, a gente não pegava a fala do personagem do texto, do livro e a criança memorizava e transpunha tal qual. Primeiro cada um falou qual personagem gostaria de ser, alguns gostariam de ser o mesmo personagem, então a gente teve que repensar e perguntamos como eles sugeriam de como podemos resolver? E eles disseram: Vamos fazer

um sorteio. Então quem ganhar, ganhou e quem não ganhasse teria que entender e escolher um outro papel. Assim que a gente escolheu, cada um escolheu o seu papel e a partir daquilo ali a gente começou a trabalhar com eles. Como é que é uma raposa manca? Como ela anda? Como ela age? Como ela fala? Como se expressa? E aí a criança foi incorporando aquele personagem e criando a sua própria fala. Porque daí não tem aquela coisa de na hora “dar um branco” e esquecer, ela cria. Então para a mostra foi o álbum do fichamento das histórias, o painel com toda a pesquisa que fizemos sobre a república Tcheca e mais a apresentação da peça de teatro. Que seria assim o fechamento, o ponto culminante do projeto, a finalização do projeto. Então é mais ou menos assim que se dá nossos projetos.

E tem também os projetos que fizemos assim ao longo do ano passado, por exemplo, este, ele não tava voltado para o projeto maior da escola, porque daí o 3º ano trabalhou também com o boi, mas o boi do maranhão. Eles fizeram estudo de outro tipo de boi que estava mais ou menos linkado com o 1º ano que é do mesmo turno deles.

9 – Qual o tempo de duração geralmente dos projetos, eles seguem uma sequencia de ligação? Nós trabalhamos por bimestres, mas não necessariamente dura o bimestre todo, às vezes quando surge assim, acontece de vir alguma coisa, partir um tema de um projeto que estamos fazendo, até sim. Mas não que isso seja uma coisa que necessariamente aconteça sempre. No 1º ano no ano passado, que é o 2º ano deste ano, eu trabalhei também com um projeto de alfabetização que veio proposto pelo MEC, pra trabalhar com livros de literatura, é o “Projeto Trilhas” na qual trabalhei ano passado. Tem uma formação na prefeitura que chama: “Clube da leitura”, é uma formação que não faz parte da formação permanente, que a gente é convocado no horário de trabalho, é um projeto que é oferecido a noite para aqueles professores que tiverem interesse e como eu me interessei muito pela literatura infantil eu fui participar. Ele chama “Clube da leitura Agente catarinense em foco”, pois trabalha apenas com a literatura de autores catarinenses. Aí trabalhei com o 1º ano e com o 2º ano com diferentes livros. A gente trabalhou com um livro, deixa eu me lembrar do nome, que é do Maurício Graipel a história de um gambá (“Saru o guerreiro da floresta”). É um livro infanto-juvenil que é trabalhado com as crianças de 5º e 6º ano, e eu trabalhei com o 2º ano. O Maurício Graipel é um biólogo, ele pesquisava sobre gambás e aí ele resolveu, como ele gostava muito de ler, de escrever, de literatura infantil, resolveu escrever algumas produções todas voltada pra esta área da biologia. O “Saru o guerreiro da floresta” é a história de um gambá branco, por isso chamado de Saru, ele nasce na lagoa do Peri. Ele traz um pouco desta questão do desmatamento, o que acontece com os animais, que os animais tem que acabar saindo do seu espaço e vão pra cidade e acabam morrendo por várias questões. E aí a gente trabalhou toda esta questão dos animais, da ciência com os estudos dos animais e também da geografia da ilha. Aí a gente foi estudando todos estes espaços geográficos e fizemos a visita na lagoa do Peri. Foi um projeto muito bacana.

E com o 1º ano a gente trabalhou um livro que era de canções, mais voltado para poesias. E a gente recebeu a visita dos autores, foi super bacana.

Este “Projeto Trilhas” ele é do MEC e tem o apoio da Natura. E recebemos o kit que vinham livros de literatura infantil, algumas obras e uns manuais de indicação de como trabalhar com estas obras. Então tinha obras mais envolvendo poemas, poesias e músicas e obras mais de narrativa. E eu trabalhei com esta turma o livro: “O grande rabanete” da Tatiana Belinky. Este

livro conta a história de um vô que tem uma horta e planta rabanetes, é uma história de acumulação.

HISTÓRIA: <http://www.slideshare.net/silviacerqueira1/o-grande-rabanete-texto>

E daí com esta história a gente trabalhou essa questão de que a força se deu por todos estarem juntos. E aí nós fomos trabalhando esta história. Vem no Projeto Trilhas estas (foi mostrando através de imagens) cartas com cada personagem da história. Só que é um jogo para uma classe inteira. Então a gente produziu um pra cada dupla e por exemplo aqui, eles escreveram o nome dos personagens e depois eles tinham que colocar a figura juntamente do nome, associar. E colocando na ordem em que os personagens iam aparecendo na história. E também eu ia fazendo uma brincadeira com eles, dos nomes dos personagens que eu tinha impresso eu ia mostrando uma letra, a primeira, uma do meio, ou a última e eles tinham que adivinhar o nome de qual personagem era.

Aí depende de qual nível que a criança está, se ela é pré-silábica, silábica, silábica-alfabética ou alfabética. A alfabética vai dizer na hora: “Ahh é o Rato!” A criança silábica-alfabética também já percebe que é o rato. Mas a pré-silábica e a silábica é um desafio pra eles. Até fazer esta brincadeira com eles, eu já tinha contado a história, eles já tinham manuseado o livro e já tínhamos trabalhado os nomes. Aqui (mostrando a partir de fotos) eu fui chamando eles em trios e ia lendo pra eles e em algum momento eu lia a página e perguntava: Nesta página onde que está escrito a palavra gato? Aí eles tinham que apontar com o dedinho. Outro momento era o de leitura, eu fui chamando eles individualmente e eles tinham que ler uma frase só pra mim. E eu fui registrando depois o que cada criança conseguia.

[...]

10 – Como que você fazia a avaliação?

R: A avaliação ela foi voltada para avaliar o nível de escrita e leitura que a criança estava quando iniciou o trabalho do projeto e quando este terminava. Então assim, a criança é parâmetro dela mesma, em que nível ela estava quando a gente começou o trabalho e em que nível ela estava ao fim deste trabalho. Então para avaliar a escrita eu faço aquela testagem da Emília Ferrero que são as palavras: uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba, uma polissílaba e uma frase com uma das palavras anteriores e elas são todas do mesmo campo semântico (nomes de frutas, nomes de animais, ou da história do “O grande rabanete”). [...] Na escola a gente trabalhou por muitos anos a avaliação trimestral e agora a avaliação, a partir de 2012, passou a ser bimestral. Quando era trimestral a gente fazia avaliação descritiva, geralmente escrevia um parágrafo relatando o que foi trabalhado ao longo do trimestre e depois ia colocando quais os avanços da criança, em que nível de escrita ele estava – claro que eu não usava termos técnicos, porque se eu falar para um pai que ele está silábico-alfabético, o pai não tem obrigação nenhuma de saber o que significa- então eu ia caracterizando, por exemplo, seu filho encontra-se num nível onde usa uma letra para representar cada sílaba da palavra. Ou já consegue fazer relação sonora e etc. Enfim, relatos assim para os pais. Desde 2012 quando passou a ser por bimestre a gente achou que não seria possível dar conta de fazer um parecer descritivo de 50 alunos a todo bimestre, até porque a gente começava a fazer bem antes os relatos descritivos. Aí o tempo ia ficar muito curto, então a gente pegou as metas e objetivos que ia ser trabalhado cada bimestre e montou um quadro onde tem o objetivo de ser atingido, que tá associado a proposta pedagógica da

prefeitura, que tem o introduzir, o desenvolver e o concluir cada conteúdo no bimestre. E aí a gente coloca se a criança desenvolveu, ou se desenvolveu parcialmente ou se não conseguiu desenvolver o objetivo e no final a gente tem um espaço para digitar um texto.

E aqui neste projeto a gente tinha a horta escolar, então a gente plantou rabanete, observou quanto tempo ele leva pra se desenvolver, foi fazendo registros, então também houve este tipo de avaliação associado a área de ciências com o plantio.

E na brinquedoteca quando a gente trabalhou este projeto ela (brinquedista) contou a história de acumulação.

11 – Sobre a estrutura do projeto, você vai montando a partir do teu eixo?

R: Isso. Tem a justificativa, eu faço a estrutura escrita do projeto com o tema, justificativa, objetivos a serem trabalhados, os procedimentos, como vai ser o fechamento do projeto, como vai ser a avaliação do projeto, isso tudo há registros também. Que são os registros que eu passo para a equipe pedagógica da escola. A gente também tem momentos quinzenais com a coordenadora da escola, então nesses momentos a gente fazia o planejamento dos projetos. A gente levava nossa ideia, depois ela sugeria coisas, nos trazia materiais como sugestão, e ali enriquecendo o trabalho e fazendo trocas.

12 – Você encontra alguma dificuldade por trabalhar a partir de projetos?

R: Especificamente por projetos não, mas às vezes, principalmente na classe de alfabetização o número de crianças é o indicativo que assim, a partir da minha prática posso dizer assim que faz diferença. Por que nos momentos que tu tá fazendo as mediações com as crianças eles estão em diferentes níveis de leitura e escrita, então para cada criança tu tem que fazer uma diferente mediação e muitas vezes tem que dar atividades diferenciadas. Por exemplo, para a criança que está alfabética tem determinadas atividades que são fáceis demais e pra outras se eu der uma atividade que eu dou pra uma criança alfabética está muito distante do conhecimento real deles, por mais que eu faça mediações. Então o número de crianças numa classe de alfabetização influencia por isso, essa mediação mais individualizada que eu tenho que fazer que é necessário, acaba que eu tenho que criar algumas estratégias. Tem dias que atendo mais um grupo de crianças, daí em outra atividade eu atendo mais o outro. Ou eu misturo eles conforme o nível de leitura e escrita para uma mediação de pares. Então eu vou usando algumas estratégias.

13 – Como são organizados os recursos do projeto?

Assim, a questão dos recursos para trabalhar o projeto, a gente tem na escola duas professoras que estão readaptadas que uma cuida da biblioteca de manhã e a outra a tarde, elas auxiliam também nas questões de secretaria e também todo material elas ajudam na confecção, por exemplo, aquelas fichas (relação ao que veio no kit “Trilhas” com os personagens dos livros) elas confeccionaram todas pra mim. Tiraram Xerox, pintaram, fizeram a ficha bonitinha, então é um trabalho, um recurso que quando a criança pega as fichas legais, bem feitas é uma motivação a mais no trabalho. Essa é uma coisa que auxilia muito também que eu vejo na rede que muitas vezes o professor não tem. Porque às vezes eu vou apresentar estes meus trabalhos que eu faço na rede e os professores falam: “Ahh mas daí a gente trabalha o dia inteiro e depois ainda chegar em casa e ficar preparando material”. É realmente um fator complicador. E agora a gente tá tendo, depois de muita luta, a hora-atividade que daí é um momento específico para o professor ter este tempo de produzir, mas enquanto não tinha esta

hora-atividade que trabalhava de segunda a sexta, quarenta horas em sala de aula sem ter um tempo de folga, eram estas pessoas que auxiliavam e faziam os recursos. Mas se tu não tem esse suporte, isso com certeza é um complicador.

14 – Como é o envolvimento dos pais, professores e orientação pedagógica com o projeto?

R: A escola inteira se envolve, inclusive os pais, porque daí quando tem pesquisa pra casa os pais se envolvem, tem a mostra educativa que eles vem participar, a gente tem uma presença significativa dos pais nas mostras, a gente gostaria de ter 100%, mas tem bastante a participação significativa.

15 – Qual a duração dos projetos?

R: Depende, este aqui durou mais ou menos um mês, o do “O grande rabanete”, este do “Boi de mamão” durou o bimestre inteiro. Porque daí assim, a gente está trabalhando com projetos, mas temos os conteúdos para dar conta que são das áreas do conhecimento que não tem como estarem envolvidos neste projeto, então eu tenho um trabalho paralelo que algumas coisas é possível encaixar, outras não. Eu trabalho com atividades de sistematização do conteúdo, tem toda uma estrutura curricular, o tempo da brinquedoteca, o tempo de educação física, o tempo de aula de música, o tempo de aula comigo, e eu tenho que dar conta de alguns conteúdos naquele bimestre e que não tem como encaixar. Por exemplo, neste projeto coube o conteúdo de ciências, que a gente tava trabalhando a questão da horta, com “O grande rabanete”, contagem deu pra trabalhar, mas algumas coisas dá, agora tem outros conteúdos que é forçação de barra então a gente trabalha mais a parte.

16 – Os outros conteúdos partem dos livros didáticos?

R: Usamos os livros didáticos sim, bastante. A gente tem feito participação na escolha do livro didático. Nem sempre o livro que a gente escolhe é o que vem pra ser trabalhado, porque acaba vindo pra todos os primeiros anos da prefeitura o mesmo livro, então é o que a maioria sugeriu. Mas a gente tem recebido bons livros. Este ano a gente tava trabalhando com um livro da Apis da Terezinha. É um bom livro didático para alfabetização ele trabalha com os diferentes gêneros textuais.

A gente fez uma trabalho também muito legal com o gênero textual “História em quadrinhos” que até teve uma filmagem da TV escola, eles vieram filmar e até eles ficaram de mandar, porque este ano que ia passar na TV. Eles pegaram escolas de diferentes estados, entraram em contato com a Secretara de educação, e a secretaria indicou a escola, o trabalho que eu vinha fazendo com os gêneros textuais e eles perguntaram se eu tinha como trabalhar o gênero textual. Na época eu tava trabalhando o gênero narrativa, não tava trabalhando história em quadrinho, mas aí eles pediram para eu trabalhar história em quadrinho porque era este gênero que eles precisavam pra fazer a filmagem. Porque em outros estados eles estavam trabalhando outros gêneros. Aí eu trabalhei com o segundo ano, eles vieram, fizeram a filmagem, entrevistaram as crianças, foi bem bacana.

Como o meu trabalho é voltado para a alfabetização, os projetos são todos voltados para esta linha, pra literatura infantil e pros gêneros textuais.

Entrevista realizada no dia 21/10/2013 às 14:00.

APÊNDICE B - ENTREVISTA ESCOLA PRIVADA -COORDENADORA - PCP

1 - Qual teu nome completo e tua formação?

R: PCP. Sou pedagoga, formada em pedagogia pela UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), já trabalho na escola há 20 anos, há 4 anos eu sou da coordenação.

Coordenação do Ensino Fundamental 1 – de 1º ao 5º ano.

2 – Como é a instituição, a estrutura da escola?

R: Nós temos três escolas em lugares diferentes. Temos a do Centro que funciona da Baby até o Fundamental 1. Em Jurerê que é só a Educação Infantil e a nossa (Vargem Grendê), que é a maior unidade, da Educação Infantil até o Ensino Médio. São duas turmas por série, uma de manhã outra a tarde até o 5º ano. A partir do 6º ano, o 6º e o 7º temos duas turmas (num período) e do 8º até o Ensino Médio é uma turma só no período da manhã.

3 – Como é que a escola trabalha a partir de projetos?

R: Então, ou nós temos um tema geral que este ano, por exemplo, nosso tema foi a Água. Daí cada turma faz seu trabalho em cima focando o objetivo da turma com o tema Água. Ou nós temos os projetos específicos por turma. Então o 3º e 4º ano eles estudam bairros, dentro dos bairros então a professora focou um projeto de volta a ilha. Eles estudam bastante a parte geográfica, como que se formam os bairros, o que são os bairros, aí inicia. Inicia na morada, minha casa, que fica dentro de um bairro, este bairro fica dentro de uma cidade e esta cidade fica dentro de um estado. Então o 3º ano foca bastante na cidade e no bairro. Então eles fazem todo um percurso de volta a ilha, de norte a sul.

4 – De onde surgiu este tema?

R: Surgiu porque faz parte da grade curricular. E dentro da grade então se monta o projeto. Claro que, depende muito do momento da criança, eles estão num momento de roda, a professora coloca um conteúdo onde dali vão surgindo ideias do que eu posso, de como que vou então produzir, e também na necessidade e no interesse do que os alunos em sala de aula demonstram pra você estar puxando então esta parte do projeto.

O 4º ano, já começam a estudar a grande Florianópolis, então como eles aprenderam no 3º que eles moram numa casa, numa rua, num bairro... O 4º ano já foca a grande Florianópolis, os municípios que fazem parte da grande Florianópolis como continuidade. E sempre tem uma vivência, o 3º faz o percurso de volta a ilha, o 4º ano faz um passeio também onde eles estudam a história de como surgiu Florianópolis. Como era Florianópolis antigamente, como surgiram às fortalezas da ilha. Então amanhã eles vão fazer um passeio de escuna onde eles vão conhecer todas as fortalezas de assunto que as professoras já fizeram com eles em sala de aula. Dentro deste projeto deles. Essa vivência é importante, o que eu estudo em sala eu saio pra vivenciar fora da escola, essa história.

O 1º e 2º ano também, o 1º ano agora está focado nos “Brinquedos e Brincadeiras”, eles estão com o mesmo projeto (1º e 2º ano), só que cada turma focando uma brincadeira. O 1º ano focou mais os contos de fadas onde a professora percebeu que chamava mais atenção, super-heróis, os contos de fadas, das histórias da biblioteca. E o 2º ano focando também este conteúdo, focaram mais na brincadeiras que aconteciam antigamente. Como era a brincadeira que acontecia na época dos meu pais? Aí eles puxaram nas pesquisas, a peteca, a bolinha de

gude, as 5 Marias, o vai e vem. Estão fazendo pipas com os pais, a peteca. Então resgatou mais este lado dos brinquedos de antigamente.

A professora num momento de roda ela vai jogando estes temas dentro de um grande tema, e o que chamar mais atenção é o caminho onde ela vai percorrer para trabalhar em cima a produção textual, pesquisas em casa, construção de brinquedos, onde ela vai focando então o interesse das crianças e puxa pro projeto dela. E dentro desse projeto acontece o que eu mais preciso com meu aluno: a produção escrita, a criatividade, a produção de pesquisas que eu (o aluno) vou fazer em casa com minha família, as entrevistas com as pessoas fora da escola, então a professora vai cursando um caminho conforme o interesse da criança até a conclusão deste projeto.

E dentro desta proposta dos projetos tem uma apresentação teatral, todas as turmas de 1º ao 5º ano fazem. Essa apresentação tem um grande tema, que são os Brinquedos e Brincadeiras. Dentro do que eu faço em sala eu levo pra esta apresentação de dança que vai acontecer no teatro. Os maiores, 4º e 5º ano eles vão apresentar pros pai os brinquedos eletrônicos (o computador, videogame, que eu nem sei o nome), que hoje é a realidade deles.

APÊNDICE C - ENTREVISTA ESCOLA PRIVADA - PROFESSORA PRP

1 – Qual seu nome completo?

R: PRP.

2 – Qual sua formação?

R: A minha graduação é da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina) em Pedagogia no Ensino Fundamental e Educação Infantil. E tenho pós-graduação em alfabetização e literatura infantil.

3 – Qual sua atuação no momento?

R: Eu atuo com o 2º ano, sempre atuo com 2º ano. Estou aqui na escola há 3 anos, este ano como professora, antes como auxiliar.

4 – Como funciona o teu trabalho a partir de Projetos?

R: Aqui na escola fazemos assim, a gente sempre começa a atividade do dia na roda. E ali na roda, a gente explica o conteúdo que está na grade curricular, e a partir dali a gente começa a observar qual o interesse deles. E geralmente, por incrível que pareça, o interesse deles é quando um fala, puxa para um lado, vai todo mundo pro mesmo lado. E a apostila deles do semestre passado, veio bastante falando de brinquedos antigos, as brincadeiras de antigamente, então eles se interessaram bastante em construção, fazer estes brinquedos, brinquedos que eles não conheciam. Então foi a partir daí, tanto que o nosso projeto agora até o final do ano é sobre Brinquedos e Brincadeiras.

5 – E geralmente parte de algum assunto da apostila?

R: Assim, veio duas atividades na apostila. Na apostila de história a gente tava falando sobre a trajetória da humanidade, de antigamente até os dias atuais e daí algumas partes pegou essa parte dos brinquedos e das brincadeiras. E eu percebi que o interesse deles continuou. Tanto é que, mesmo sem a gente falar nada de Projeto, esse nome pra eles, eles mesmo começaram a trazer coisas: “Olha professora! Meu pai disse que antigamente brincava com aquele rolimã!” E aí um pai ainda tinha o seu rolimã até hoje. Aí eles começaram a trazer. Aí eu pensei, vou pegar essa brecha e montar um projeto. Mas sempre surge assim, deles para montar a proposta de montar em sala, sempre deles. Aí este ano foi esta parte. O ano passado eu estava como auxiliar no 1º ano, e eu lembro que a professora estava falando sobre os animais e eles disseram, e notamos que a maioria da sala tinha gato em casa. Então o projeto todo daquele ano foi “O gato”. Então a gente sempre procura saber do interesse deles pra trabalhar em sala. Tanto que a gente começa a fazer várias atividades, hoje, por exemplo, eu construí aqueles bilboquê com eles com materiais de sucata, daí eu já aproveito e trabalho a questão do lixo reciclado, do reaproveitamento de materiais e isso tudo a gente vai fazendo sem eles saberem a nomenclatura “Projeto”. É bem natural assim.

6 – Como funciona a relação com o tema central da escola que, por exemplo, este ano é sobre a “Água”?

R: Este tema na verdade não parte da coordenação, ele parte da ONU (*Organização das Nações Unidas*), cada ano a ONU lança uma temática para ser trabalhada. Este ano foi sobre a

água e a escola procura trabalhar com este tema. Este ano que nós trabalhamos com eles no primeiro semestre, porque agora a gente está com os “Brinquedos e Brincadeiras”. Então nós fizemos, cada turma pegou algo relacionado a água. Os meus alunos pegaram a questão dos seres vivos, as necessidade deles pra água. Então a gente trabalhou os seres vivos que vivem no fundo do mar. Então a gente trabalhou a água salgada, a água doce no mundo e a necessidade dos seres com a água. O 1º ano já trabalhou a água em si, a poluição, a parte de higiene e etc. E aí cada turma foi trabalhando, por exemplo, o 3º ano pegou a parte do mangue. Então assim, esse tema vem central da coordenação, mas o que a gente faz? Dá a base da água e vê para aonde eles vão se interessar. Daí a gente já puxa e vai conduzindo o projeto.

7 – Então, no primeiro semestre o tema geral foi a “Água”, neste segundo semestre houve algum outro para a escola toda?

R: Não, neste cada um foi e montou seu projeto. E na verdade assim, mesmo a gente fazendo o projeto “Brinquedos e Brincadeiras” a gente construiu outro dia, é porque assim, um vai ligando o outro, a gente utilizando os materiais reciclados daí dali a gente construiu um peixe porque a gente trabalhou no início do ano sobre a água. Então a gente vai fazendo, como que diz, tipo aqueles projetos “Aranha”, que um vai interligando no outro. Então não são assim: que no primeiro semestre a gente trabalhou um e agora deu pronto e acabou. A gente vai sempre puxando e fazendo um gancho.

8 – A partir destes projetos, como vocês trabalham com os conteúdos?

R: A gente tenta trabalhar de forma interdisciplinar, os Brinquedos e as Brincadeiras, tudo a gente vai fazendo relação. Então, por exemplo, agora estamos trabalhando a multiplicação, então construímos um jogo para trabalhar a multiplicação. É uma material que a gente tem aqui na escola, mas nós construímos um com eles. [...explicou um pouco sobre o material] Aí a gente vai fazendo relação com os conteúdos, trabalhamos a gora a história da pipa, na aula de artes a gente vai fazer uma oficina da pipa com eles, então a gente procura aproveitar o máximo que puder com as outras matérias.

9 – Como funciona a avaliação?

R: Aqui a gente não tem nota em si, a gente não tem prova, então a avaliação é um pouco mais trabalhosa. É trimestral. É muito mais fácil você ir lá dar uma nota, a criança recebe, vai lá e deu. A gente tá o tempo inteirinho avaliando. Tanto que assim, no final da tarde, a aula terminou e as crianças foram pra casa, eu tenho uma diário que ali eu anoto, por exemplo, “Hoje o fulano conseguiu fazer alguma coisa que antes ele tinha dificuldade de fazer” então, eu tenho que anotar tudo pra depois fazer uma avaliação deles. Porque a gente usa conceitos na avaliação, B é Bom, E é Excelente. Então a avaliação se dá no tempo inteirinho, não dá pra avaliar só quando chega lá no final. Eu tenho que olhar todo o processo pra poder avaliar. Se dá o tempo todo, constantemente: numa atividade, nos deveres que trouxe, na participação em sala, na participação dos pais em casa, se estão ajudando, é todo um processo.

Consiste em avaliar alguns pontos, alguns objetivos, por exemplo, eu vou estar avaliando o tempo todo se ela está chegando perto dos objetivos. Se ela está, vamos supor, um excelente (como se fosse um 10). Então a gente tem os objetivos que queremos que a criança alcance. Exemplo: Na multiplicação a gente quer que ele entenda o processo de multiplicação e divisão, então eu tenho que estar avaliando durante toda a aula para saber se ele alcançou o objetivo ou não.

10 – Você encontra alguma dificuldade de trabalhar por projetos?

R: Não. Na verdade eu aprendi a trabalhar com projetos aqui. Antes eu também trabalhava com projetos em outra escola só que era diferente. Não adianta, cada escola trabalha diferente.

Na outra escola a gente trazia muito o projeto pra sala. Por exemplo, a gente vai trabalhar um projeto sobre animais, não que as crianças não se interessassem, mas não partia muito deles. Era muito a professora traz. Aqui é bem diferente. Aprendi a trabalhar aqui, a gente tem que ficar muito atento, observar bastante pra ver pra onde eles vão querer. Ver aonde eles se interessam e aprofundar nisso.

Não se é porque a gente acaba se acostumando, mas eu acho que é bem mais fácil o trabalho assim. Na verdade a gente pensa no começo, “Ai, trabalhar com projetos!” (com medo) por ser uma coisa nova é um bloqueio pra todo mundo, mas eu gosto. Acho bem mais fácil trabalhar assim do que uma coisa que tu traz. Quando é uma coisa vinda, quando a professora traz uma coisa muito pronta eles não ficam assim muito empolgados como eles ficam aqui. Nossa eles trazem cada coisa, às vezes a gente nem pede e eles trazem uma pesquisa que eles fizeram em casa e os pais também são bem participativos e colaboram bastante.

Não adianta vir com uma proposta pronta, tipo, eu pego um projeto contigo “Ah, olha o que eu fiz lá na outra escola” me empresta pra eu fazer com meus alunos, não dá, não é assim. E outra, por exemplo, a gente tá trabalhando com a água e tu vem com um projeto que não tem nada a ver, não dá, então tem que ter uma ligação.

